Projeto Político-Pedagógico

COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO

COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Projeto Político-Pedagógico

Rio de Janeiro, 2015

Colégio São Vicente de Paulo

Direção
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM
Pe. Eduardo Raimundo dos Santos, CM
Pe. Maurício de Resende Paulinelli, CM

Coordenação Acadêmica
Artur Guilherme Carvalho da Motta
Nina Maria Vernes T. da Cunha

Coordenação Pedagógica
Flavia Renata Franco Lopes Coelho
Helcio França Alvim Filho
Liliane Conceição Ferreira dos Santos
Maria Isabel Dias Cabrera

Coordenadores dos Grupos de Trabalho
José Eduardo de Souza
Liliane Conceição Ferreira dos Santos
Maria da Graça S. Vasconcelos
Maria Isabel Dias Cabrera
Nina Maria Vernes T. da Cunha
Patrícia Mendes Rubim

Revisão de texto
Anna Carolina C. de A. da Matta Machado
Artur Guilherme Carvalho da Motta
Helcio França Alvim Filho
Nina Maria Vernes T. da Cunha
Pe. Maurício de Resende Paulinelli, CM

Arte e Projeto Gráfico
Renata Bastos Salles

Diagramação e Projeto Gráfico
Anderson Mansera Rosa

Fotos
Arquivo do Colégio São Vicente de Paulo

Prólogo

A Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), entidade mantenedora do Colégio São Vicente de Paulo (CSVP), alegra-se com sua Comunidade Educativa por ocasião do lançamento da atualização do Projeto Político-Pedagógico. Reconhece, em tal Projeto, importantes traços da espiritualidade de seu Santo Patrono, assim como a história de tantos Educadores – consagrados ou leigos – que empenharam os melhores esforços para que a missão do Colégio pudesse ser tão bem expressa neste Documento. Reconhece-se, também ela, no texto, quando este manifesta, nas políticas institucionais e nas linhas de ação, o caminho para uma mudança de estruturas nos seres humanos, no próprio São Vicente – o Colégio, na educação e na sociedade.

Diante dos desafios que o mundo impõe àqueles que ousam pensar e agir utopicamente, a PBCM celebra a vitória de um Projeto que reafirma como sua principal meta a formação de agentes de transformação social. O próprio São Vicente de Paulo nos aponta tal caminho, ao afirmar que o amor deve ser "afetivo e efetivo". Tal união de objetivos expressa-se indelevelmente no pensamento do Santo Fundador: "*É preciso passar do amor afetivo ao amor efetivo, que é o exercício das obras de caridade, o serviço dos pobres empreendido com alegria, coragem, constância e*

amor" (SV IX, 594), e ainda, "*Façamos o que façamos, nunca acreditarão em nós, se não demonstrarmos amor e compaixão para com aqueles que queremos que acreditem em nós"*. (SV I, 295) Assim também a Direção da Província vislumbra o ideal de educação que almeja, e que quer ver concretizado neste Colégio.

Como obra continuadora dos ideais que pautaram os muitos anos de atividade do Colégio do Caraça, em Minas Gerais, o CSVP reforça sua busca por uma excelência acadêmica que tenha como motivação maior a formação do ser humano íntegro e integral, simultaneamente à sua consciência de incompletude e ao empenho na atuação crítica e comprometida com mudanças, sempre em favor da vida e "vida para todos" (cf. Jo 10,10). Novamente ensina São Vicente: "*Devemos ter, pois, a mesma confiança na Divina Providência, vendo como toma conta de tudo o que nos diz respeito, como uma mãe toma conta de seu menino"*. (SV X, 503) É como uma criança – "Meu guri", diria Chico Buarque – que cada Estudante, Familiar, Educadora ou Educador deve se sentir no Colégio, sempre capaz de crescer e de ser amada.

Assim, em nome dos Padres e Irmãos Vicentinos-Lazaristas da Província Brasileira da Congregação da Missão, desejo a todos proveitosa leitura e, sobretudo, muitos frutos do amor – afetivo e efetivo – para este espaço de dons, graça e esforço coletivo que todos tanto admiramos.

Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos, CM
Visitador da Província Brasileira da Congregação da Missão

Em 30 de março de 2015, Celebração dos 56 anos do Colégio São Vicente de Paulo

sumário

Apresentação 7

Parte 1 – Ver 11

Introdução 15

Ciência e tecnologia 23

Mundo do trabalho – produção, consumo e sustentabilidade 25

Relações sociais – exercício do poder e realização humana 27

Cultura e transcendência 29

Educação – função social, serviço e parceria 31

Olhando para o São Vicente 33

Parte 2 – Julgar 37

Parte 3 – Agir 43

Anexos 51

Anexo 1 53

Anexo 2 65

Bibliografia de referência 87

“

Tente adivinhar como será o mundo depois do ano 2000. Temos apenas uma única certeza: se estivermos vivos, teremos virado gente do século passado. Pior ainda, gente do milênio passado.

O direito de sonhar

Eduardo Galeano, janeiro de 2000

Apresentação

Os que desejam realmente seguir as máximas de Cristo, devem ter em grande conta a simplicidade.

São Vicente de Paulo

Com simplicidade, buscando envolver pessoas de todos os segmentos da Comunidade Educativa, fizemos a atualização do Projeto Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo. Atualização, não reescrita, já que nunca tivemos dúvidas com relação ao nosso ideal como Instituição: ajudar a formar agentes de transformação social. Muito mais do que um *slogan*, trata-se de uma missão, e atualizar o Projeto significa prestar contas diante de tal missão. Sabemos aonde queremos chegar mas, com as mudanças ocorridas no mundo desde o ano 2000, data da publicação do Projeto Pedagógico, precisávamos atualizar o caminho. Bebemos da fonte do patrono Vicente, ao adotarmos como método o mesmo que o inspirou – "natureza, princípios e meios", hoje nomeado "ver, julgar e agir" – e estabelecermos como critério para iluminar a realidade suas virtudes[1] mais queridas. Enfim, tentamos nos manter fiéis àquilo que constituiu nosso Colégio, à história da Congregação da Missão e de seu Fundador, associada à história de tantas pessoas que aqui viveram e conviveram, sorriram, choraram, foram felizes por serem boas, acertaram e erraram. É a tais pessoas que dedicamos este Documento.

1. As virtudes de São Vicente de Paulo ou 'virtudes vicentinas' são em número de cinco e por ele deixadas como legado a toda a Família Vicentina como expressão da Caridade: "o amor inventivo ao infinito". São elas: a humildade, a simplicidade, a mansidão, a mortificação e o zelo. Assim conhecidas, nos termos próprios do tempo de São Vicente, mas que, transcritas e atualizadas em diferentes épocas e lugares, como por ex., o texto anexo a esse documento, à **página 65**.

O Processo

A perfeição não consiste na
multiplicidade das coisas feitas,
mas no fato de serem bem feitas.

São Vicente de Paulo

O ponto de partida ocorreu na noite de 21 de março de 2013, no auditório, convocados Educadores, Alunos e Famílias e convidados representantes da comunidade local. O que motivava aquela reunião era o desejo de apontar para a importância de um novo olhar sobre a realidade, mais complexa que aquela que embasou a primeira redação de nosso Projeto. Após algumas discussões, muita troca de ideias, chegamos a um formato que, pretendíamos, atendesse aos anseios de participação de todos, com o encaminhamento para a formação de cinco grupos, responsável, cada um deles, por ver uma dimensão de nossa vida: Ciência e Tecnologia; Mundo do Trabalho – Produção, Consumo e Sustentabilidade; Relações Sociais – Exercício do Poder e Realização Humana; Cultura e Transcendência; Educação – Função Social, Serviço e Parceria.

A proposta supunha que cada um ou uma participasse, livremente, do grupo cujo tema mais lhe atraísse. Foram lançadas algumas questões que nortearam os trabalhos e apresentadas as pessoas que coordenariam as ações nos grupos. Houve, ainda, a exibição de um vídeo produzido a partir de certas referências culturais para expor quão distantes – ou próximos – estamos do universo de significados da sociedade da virada do milênio. Seguiu-se, então, o estabelecimento do cronograma das reuniões das equipes e o primeiro contato com a bibliografia sugerida. Após este encontro, muitos vieram, alguns inclusive com cunho afetivo e festivo, para que se construísse a reflexão. Era o primeiro dia, e tudo era bom.

Em 8 de junho de 2013, reunimo-nos para a apresentação das conclusões dos grupos, seguida de uma partilha, intergrupal, dos textos elaborados. Era hora de aferir o que produzíramos, e como enxergávamos, desde nosso ponto de vista, a realidade. Os relatos, feitos no auditório, tiveram quase sempre um formato tradicional, baseados em projeções e no resultado final dos trabalhos. O grupo que abordou Cultura e Transcendência optou por um texto poético, uma paráfrase bastante livre

de “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar. Ao final do encontro, ouvimos uma exposição sobre o conceito de Julgar que, em nosso método, estabelece critérios para buscar o que se almeja, nossos ideais. Os grupos seguiram seu trabalho, agora na segunda etapa. Lanchamos, rimos e trocamos. Era o segundo dia, e tudo era bom.

O dia 9 de novembro de 2013 foi escolhido para exposição das conclusões dos grupos em torno do Julgar. O desafio, lançado em junho, era integrar as reflexões – à luz de uma bibliografia proposta – com a abordagem desde um olhar vicentino, especificando-se uma virtude que seria considerada critério inicial para as discussões sobre os temas. Assim, Ciência e Tecnologia teria como contraponto a Humildade; Mundo do Trabalho – Produção, Consumo e Sustentabilidade, a Simplicidade; Relações Sociais – Exercício do Poder e Realização Humana, a Mansidão; Cultura e Transcendência, a Mortificação; Educação – Função Social, Serviço e Parceria, o Zelo. Houve, ainda, um segundo desafio, o de que as apresentações contassem com elementos menos formais, mais dinâmicos. Teceram-se teias, houve jogral, árvores de Gentileza, filmes poéticos, e o encerramento das atividades do ano deu-se com o lamento pela ausência de mais pessoas – especialmente Alunos – e com o convite à ação, etapa do Agir, próximo passo do método que adotamos. Era o terceiro dia, e tudo era bom.

Recomeçamos nossas atividades, em 15 de março de 2014, com uma retomada do que já construíramos até ali. Tratava-se de relembrar para quem já estava na caminhada, e de apresentar aos que chegavam, os passos do Projeto, o ponto em que estávamos, assim como de uma chance para que os grupos constituídos revissem os aspectos principais de seus textos, enunciados em princípios gerais, desde o ponto de vista dos nossos ideais de ser humano, sociedade, educação e escola. Lanchamos, reencontramos, conversamos, matamos as saudades antigas e construímos novas. Era o quarto dia, e tudo era bom.

Menos de um mês depois – 12 de abril – já nos revíamos, para expor o que foi pensado para o Agir. Era hora de remontar os grupos, com outra perspectiva, mais propriamente pedagógica. Novamente criaram-se cinco, com os seguintes temas: Construção do Conhecimento e Escolaridade; Currículo e seus Aparatos; Relações Sociais e Grupais; Compromisso com o Projeto e Formação Continuada; Organiza-

ção e Estrutura. Aproveitou-se o momento para um primeiro contato dos grupos com questões que poderiam balizar as discussões, e foram revistas as diretrizes e os princípios que surgiram dos trabalhos no Julgar. Alguns Alunos e ex-Alunos juntaram-se aos que já participavam. Era o quinto dia, e tudo era bom.

Após a Assembleia de abril, constituiu-se uma equipe para desenvolver a redação, reunindo as contribuições dos cinco grupos em um só texto. Em 18 de outubro de 2014 estávamos muito perto do fim do processo, e realizamos nova Assembleia – a última. Chegara a hora de apresentar, aos grupos temáticos, versões próximas das finais para os textos referentes ao Julgar e ao Agir. Construíram-se sugestões; os trabalhos, os rumos trilhados e o resultado final provocaram, ao cabo da manhã, o sentimento de tarefa bem realizada. Era o sexto dia, e tudo era muito bom!

A Finalização

Não sou daqui nem dali, mas de
qualquer lugar onde Deus quer que esteja.

São Vicente de Paulo

Deu-se muito empenho de todos até que se pudesse repousar sobre alguns louros. Houve contribuições de leitores críticos, voltas e reviravoltas. Aos 7 e 8 de fevereiro de 2015, num aprazível Hotel Fazenda, os mais de 100 representantes dos diversos segmentos da Comunidade Educativa trabalharam a versão quase definitiva do texto do Projeto Político-Pedagógico – tempo propício à contemplação, sétimo dia do descanso e da fruição, experimentando a felicidade do processo vivido e do dever cumprido.

Ei-lo, então! O Projeto Político-Pedagógico (PPP) atualizado, em três grandes partes: como vemos a realidade, especialmente suas mudanças desde o ano 2000; critérios que elegemos para o estabelecimento de nossos ideais; e caminhos que pretendemos trilhar para diminuir a distância entre o real e o ideal. Daqui para a frente, muito nos aguarda: revisão da organização e estrutura do Colégio, projetos curricular, pastoral, da dimensão social e de comunicação, e tantos desafios quantos se apresentem. Boa leitura e bom trabalho!

ver

(Livre adaptação do poema "Traduzir-se", de Ferreira Gullar, elaborada coletivamente pelo Grupo de Trabalho "Cultura e Transcendência", ou "Os Transcendentes", como se intitularam)

Vejo que estou aqui, sobre essa Terra e sob esse Céu. Sou mortal, mas sinto que algo em mim é eterno e habita o Universo.

Meu olhar quer ver. Tenta vislumbrar a cultura e a transcendência em mim e em torno de mim. Meu olhar me vê, vê a minha escola, vê o outro, vê o mundo. Vejo-me neles. Vejo-os em mim.

• • •

***Em mim** vejo que sou mudança e permanência; algo em mim é árvore, algo é estação.*

Vejo que sou quem sou, que sempre estou; algo em mim é solitário, algo quer comunhão.

Vejo que sou o que sabe e o que ignora; algo em mim já é sábio, algo sempre segue em formação.

Vejo a cultura que é minha e com a qual me reconheço e sou reconhecido; ao mesmo tempo, vejo oportunidades de convívio e troca.

Vejo que sou o único e o último e que sou apenas mais um.

• • •

***No mundo** vejo o culto ao corpo e as buscas para uma vida mais saudável. Vejo o egoísmo e a generosidade.*

Vejo a pluralidade das identidades e vejo intolerância e violência nas relações.

Vejo o individualismo e os esforços pelo respeito às diferenças.

Vejo o divórcio e a dispersão da família; mas também vejo as famílias complexas e não convencionais, nas quais, como sempre, importam os laços de afeto.

Vejo transformações aceleradas e vejo valores que permanecem. Vejo fragmentação e diversidade.

Vejo a vertigem tecnológica e os avanços das vivências virtuais com efeitos reais.

Vejo a cultura da inovação para o consumo e vejo a necessidade da cultura do cuidado.

Vejo muitos credos e tradições religiosas – e pouca vivência espiritual.

Vejo a cultura do excesso de valores e a cultura da escolha como possibilidade.

• • •

Na minha Escola *eu vejo a cultura da alegria e do acolhimento vicentinos; mas também vejo dificuldades de comunicação e manifestações de fé acanhadas.*

Vejo aqui as tradições pastorais vicentinas e o desconhecimento das suas Cinco Virtudes.

Vejo a valorização da conexão e desconexão digital e vejo também os murais, os jornais e os corais.

Vejo a cultura que é dispersiva e imediata, e que convive com a que lembra e inventa.

Vejo uma cultura efervescente; mas vejo o colégio pouco integrado nessa efervescência.

Vejo, aqui e ali em nossa escola, linguagens diversificadas que deveriam contagiar todos os segmentos, todos os dias.

Vejo, aqui e ali em nossa escola, ações desagregadoras que contaminam todos os segmentos, todos os dias.

Vejo a escola acolhedora e muitos de nós ainda alheios à partilha desse acolhimento.

Vejo um Projeto Político-Pedagógico definido na escola e, por vezes, o desconhecimento ou a resistência a esses princípios.

Vejo em nossa escola um conhecimento geral sistematizado; ao mesmo tempo, vejo pouco envolvimento da nossa comunidade em acessá-lo ou compartilhá-lo.

Vejo estímulos à cultura da autonomia e a descontinuidade da sua conquista.

Vejo em minha escola a busca da religião e da espiritualidade; ao mesmo tempo, vejo que a cultura da caridade e da solidariedade precisa perder a timidez e fazer parte do cotidiano escolar.

Vejo, como nos lembra Leonardo Boff, que "estou mergulhado no mundo, em suas estruturas e conjunturas; ao mesmo tempo, vejo que sou capaz de elevar-me acima delas, elaborar alternativas e fazer opções" .

Introdução

Entre 2000 – data de publicação do Projeto Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo – e 2015, o mundo passou por grandes mudanças, com diferentes repercussões sociais, econômicas e ambientais. Tais mudanças trazem inquietações e esperanças que exigem respostas da Escola. Os aspectos ressaltados a seguir foram organizados em três níveis: Mundial, Nacional – referindo-se exclusivamente ao Brasil – e Local – Cidade do Rio de Janeiro e Colégio São Vicente de Paulo.

Aspectos mundiais

Ocorreram, nos últimos anos, algumas crises mundiais relacionadas entre si e com impactos mútuos, trazendo à tona questões ligadas à preservação da vida no Planeta. Estas crises são geradas, grandemente, por padrões de produção e consumo desenfreados, motivados, principalmente, pela prevalência de um modelo de sociedade que associa felicidade e realização, pessoal e coletiva, a bens e serviços. Vejamos alguns exemplos de tais crises:

- **Climática ou ambiental** – a ampliação do número de catástrofes ambientais leva-nos a crer na afirmação de que o aumento de atividades humanas de degradação do ambiente tem causado graves consequências ao Planeta. Em países do Hemisfério Sul, somam-se a estes eventos "naturais" a desigualdade social e a pobreza como severos agravantes da situação de vida de enorme parcela da população.
- **Energética** – a diminuição da oferta de combustíveis fósseis levou, por um lado, à busca por alternativas renováveis e ecologicamente viáveis. Porém, algumas destas alternativas mostraram-se também perigosas, como se percebe com a energia nuclear.
- **Alimentar** – sob o argumento de ampliação da oferta, muitos alimentos geneticamente alterados ou cultivados com doses maciças de agrotóxicos são

oferecidos. Porém, paradoxalmente, grande parte dos habitantes do planeta continua passando fome, uma vez que os sistemas baseados na propriedade privada dos bens de produção e consumo não se alteraram.

- **Hídrica** – a crise climática tem alterado a distribuição de chuvas no planeta, gerando grandes enchentes em determinadas regiões e severas secas em outras. Os reservatórios que distribuem água para as populações não têm sido suficientes para atender as necessidades de um consumo cada vez maior, especialmente nos grandes centros. No Brasil, campanhas de preservação e economia, ao lado da busca por novos modos de recolhimento, reserva, distribuição e reaproveitamento - como a dessalinização das águas do mar e a reutilização das águas residuais de lavanderias e de depósitos industriais para serviços de limpeza - têm sido incipientes, medidas paliativas e definições administrativas politicamente acanhadas diante da grave situação em que se encontram os recursos hídricos em muitas regiões do país. Os meios de comunicação de massa e os representantes do poder constituído têm evitado tocar no cerne da questão, o agronegócio e o uso desenfreado de água.
- **Econômica** – países hegemônicos no cenário mundial ao longo de todo o século XX veem-se, hoje, com graves problemas de desemprego e recessão, levando a um processo, em cadeia globalizada, de crise estrutural.

Todas estas crises têm levado a uma recomposição dos blocos políticos globais. Na sociedade civil cresce a conscientização sobre as questões ecológicas e a tentativa de produção de alternativas sustentáveis.

Os últimos quinze anos foram marcados também por importantes conflitos políticos e ideológicos, que colocaram o mundo em ebulição. Um deles foi o ataque de 11 de setembro de 2001 a pontos importantes dos Estados Unidos da América e a consequente fobia do “terrorismo internacional”. Destacam-se, ainda, as guerras e conflitos diplomáticos entre nações em vários pontos dos continentes, bem como, episódios de mobilização social que, juntos, manifestaram uma crise no modelo de representação das democracias atuais, e o anseio por participação direta da população nas decisões políticas.

Tivemos, no mesmo período, três Papas: João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Vivenciamos a renúncia de um deles e, pela primeira vez na história, a eleição de um papa latino-americano e jesuíta.

No campo das ciências da natureza, houve avanços significativos nas áreas de Neurologia, com o incremento da Neurociência e estudos sobre o funcionamento do cérebro que vieram auxiliar na compreensão das formas como assimilamos e reconstruímos as informações e, portanto, aprendemos. Essas pesquisas têm impactos diretos sobre a Pedagogia, que ainda precisa analisar e lidar com tais conhecimentos e inseri-los como subsídios aos projetos curriculares.

Por outro lado, nota-se o crescimento da mercantilização das tecnologias e descobertas científicas, especialmente com relação à biologia humana (manipulação genética, bioengenharia etc.). Os avanços mais destacados e significativos continuam sendo privilégio de poucos, e boa parte das pesquisas tem por fim o enriquecimento de quem as provê. Acrescente-se a isto, ainda, a discussão sobre os limites éticos da ciência, frequentemente ultrapassados, e o resultado é um grave questionamento ao que se vê.

Por fim, o constante avanço na área das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) objetivamente propiciou a ampliação do convívio virtual e

do relacionamento em redes sociais, com grande impacto na Escola, especialmente modificando as relações pedagógicas – Estudante-Escola, Estudante-Professor, Estudante-Estudante, Professor-Escola, Professor-Professor, Professor-Escola-Família, Família-Família – e as estratégias usadas em sala de aula.

Aspectos nacionais

A virada do século e do milênio foi marcada pela ascensão das forças e dos partidos autoproclamados de centro-esquerda e de esquerda ao poder central – final do Governo Fernando Henrique Cardoso, eleições e reeleições presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – e ao governo dos Estados da Federação.

O Brasil passou a ocupar outro lugar no mundo, com destaque nas conferências e nas instâncias do poder internacional (FMI, ONU, entre outros). Arcou e arca com nova responsabilidade diante de conflitos em outros países (Força Tarefa no Haiti, por exemplo) e na tomada de posição sobre questões importantes no cenário das nações. Assim, torna-se um país emergente que desperta atenção, além dos interesses políticos e econômicos.

Ao mesmo tempo em que se projeta para o exterior, percebe-se o quanto ainda necessita olhar para dentro de si mesmo.

O País continua marcado pela precariedade no atendimento público à saúde, à educação, à moradia, aos transportes e no acesso aos recursos culturais, consequência de uma histórica necessidade de justa distribuição de renda. A universalização da oferta do Ensino Fundamental ainda não foi acompanhada dos desejados padrões de qualidade social da educação, para que então se torne alavanca de mudança e desenvolvimento. Nos últimos quinze anos, contudo, observam-se melhorias nos índices de desenvolvimento e de qualidade de vida, a partir do gradativo aumento dos níveis de renda e do ambíguo incentivo ao consumo de bens e serviços. Melhorias que, se sabe, precisam seguir avançando.

Muitas denúncias de corrupção ocupam grandes espaços nos meios de comunicação social, levando à ampliação do sentimento de desencanto com a política for-

mal, especialmente a partidária, desencanto traduzido, por muito tempo, em inércia. Os meios eletrônicos, como as redes sociais, surgiram, em dado momento, como veículos de mobilização. Assim como em nível mundial, a organização do poder democrático através da representatividade tem perdido credibilidade, dando lugar ao desejo de participação popular nas instâncias decisórias da política e da economia.

Por outro lado, e possivelmente em reação – ainda que meramente formal, em muitos casos – às denúncias de corrupção alardeadas, as instituições privadas, num novo formato de gestão, têm incluído a ética como uma de suas premissas, alinhada aos valores e à cultura organizacionais. Persistem, ainda, com alguma representatividade, outros modos de intervenção na realidade, como em instituições não-governamentais, movimentos sociais, igrejas, entidades estudantis e sindicatos.

Aspectos locais

Em relação à Cidade do Rio de Janeiro, cabe levantar alguns questionamentos:

- Em termos culturais, artísticos ou de padrões estéticos, ainda se pode dizer que a cidade está dividida? Pode-se aplicar, hoje, o conceito de "cidade partida", dadas as mudanças ocorridas na relação asfalto/morro? Pois, na culinária, na moda, na música, nos ritmos, na dança, na linguagem oral as trocas se dão.

Ou o discurso de unidade estética camufla tensões sociais historicamente existentes?

- A relação do carioca com sua cidade passa por mudanças. Oxalá sejam para o avivamento de uma relação saudável, crítica e criativa entre os bairros e a cidade em seu todo!

Nos últimos anos, o Rio de Janeiro vivencia a intervenção do Estado nas áreas faveladas, com as intenções – mais ou menos declaradas – de enfrentar os comandos criminosos do tráfico de drogas e as milícias e de levar paz e progresso às comunidades. Ainda não se tem elementos para afirmar que isto ocorra.

Se antes havia – e continua havendo – a violência das "balas perdidas", dos "arrastões", frequentemente associados ao tráfico de maconha e cocaína, vê-se hoje a ampliação do espectro das drogas em oferta, particularmente as sintéticas e o crack, com o crescimento de outro perfil de violência, contando também com a participação de pessoas das classes média e alta, não apenas como usuárias, mas como membros da rede de tráfico.

O Rio de Janeiro torna-se, gradualmente, uma metrópole global, centro de grandes eventos com todos os ganhos e perdas que essa situação costuma trazer. A preparação da Cidade para tais eventos traz impactos mais graves para as populações em situação de vulnerabilidade socioambiental e, para todos, a constatação das grandes dificuldades em atender às demandas de reestruturação urbana que deveriam ser o verdadeiro legado dos eventos à Cidade: uma cidade educadora com espaços organizados e oferta de múltiplos bens culturais.

Os impactos sobre o Colégio São Vicente de Paulo

As mudanças na sociedade suscitam reflexões sobre as questões éticas e o desenvolvimento de valores e atitudes. Dentre elas, foram apontadas algumas que trazem inquietações e desafios importantes sobre o papel da Escola:

- As descobertas científicas, as mudanças socioambientais, as questões ligadas à vida no Planeta;

- Os avanços das tecnologias em direção ao convívio nas redes sociais e a necessidade de aproveitar os recursos tecnológicos para formar redes virtuais que gerem convívios presenciais;
- As relações de produção e consumo, com o desafio de se transformarem em fatores de humanização e realização pessoal e social;
- As percepções de indivíduos e grupos acerca das relações de convivência que estabelecem uns com os outros, abertos à transcendência, podendo se constituir em fonte de felicidade autêntica ou opressão;
- As contradições vividas na atividade de aprender, ensinar, criar e compartilhar o conhecimento em suas diversas formas.

Nas páginas que se seguem, realçam-se alguns aspectos da realidade mais ampla, da forma como a percebemos, e que têm grande significação para nossa visão de mundo. São eles: Ciência e Tecnologia; Mundo do Trabalho – Produção, Consumo e Sustentabilidade; Relações Sociais – Exercício do Poder e Realização Humana; Cultura e Transcendência; e Educação – Função Social, Serviço e Parceria.

Anotações

Ciência e tecnologia

Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.

Manoel de Barros

Avanços da tecnologia e suas implicações para a sociedade

A Ciência e a Tecnologia transformam-se e transformam o mundo a cada dia e, assim, mudam paradigmas, levam-nos a uma reflexão mais aprofundada da realidade e a rediscutir valores. Atualmente, é difícil pensar em Ciência e Tecnologia sem considerar as dimensões sociais, religiosas, políticas, econômicas, culturais e ambientais que estão direta ou indiretamente relacionadas a elas. Especificamente no caso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), muito próximas do cotidiano escolar, se por um lado podem aproximar pessoas e facilitar as relações, também são capazes de gerar conflitos e propiciar a automação e a alienação.

O desenvolvimento científico muito tem colaborado para proporcionar a uma parte da humanidade melhor qualidade de vida; é possível citar desde as vacinas para novas doenças até as cirurgias feitas à distância. Uma questão ética central, contudo, é a impossibilidade de atender com este desenvolvimento, por razões de desigualdade social, às necessidades daqueles que, exatamente, mais precisam, os empobrecidos.

Estão em pauta, ainda, os riscos que o ser humano e o planeta correm com pesquisas científicas que causam sofrimento e destruição e que estão a serviço de interesses bélicos, políticos e econômicos. Nestes casos também prevalecem a lógica do mercado e a lei do mais forte.

A Ciência e a Tecnologia provocam mudanças necessárias, embora ambíguas, por suporem, nalguns casos, a possibilidade de substituição do humano pela máqui-

na e, eventualmente, ampliar as desigualdades, o que traz impactos sobre as escolas e as salas de aula. Os Estudantes do Ensino Regular do Colégio São Vicente de Paulo já parecem nascer com os controles remotos nas mãos, com domínio da linguagem do computador - são chamados “nativos digitais” -, enquanto Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) têm, ainda, grandes dificuldades com tais meios.

Os Profissionais de Educação e as Famílias dos Estudantes do Ensino Regular estão, em sua maioria, na fase da aprendizagem digital – há autores que usam a expressão “imigrantes digitais”. Sabe-se, no entanto, que o maior acesso a informações não significa necessariamente conhecimento e sabedoria, em última instância, os grandes objetivos da Educação Escolar.

Não basta equipar a Escola com recursos tecnológicos e treinar os Educadores para utilizar tais recursos. Deve-se ir além. O diferencial é o ser humano, que domina as ferramentas, e, por meio de seu uso, ajuda a desenvolver o potencial criativo, questionador, instigador, reflexivo e crítico de todos os membros da Comunidade Educativa. Compreendendo, assim, que toda Tecnologia e Ciência devem ser utilizadas em prol da sociedade, especialmente dos empobrecidos, dentro de padrões éticos.

Vive-se, objetivamente, uma mudança de época, marcada, neste campo, pelo ineditismo do domínio de um saber pelos jovens maior do que o dos Educadores. Destaca-se, assim, o caráter fundamental da ressignificação do docente, hoje instado a ser muito mais próximo de um orientador de pesquisas do que de um expositor de conteúdos.

Por fim, não se tem ainda uma construção histórica para avaliar, com certeza, as vantagens e as desvantagens que essas novas possibilidades científicas e tecnológicas podem trazer ao ser humano, à sociedade e ao ambiente. Sendo assim, ainda será necessário avançar nas pesquisas para lidar com novos saberes e reconstruir paradigmas, que se modificam a cada segundo, em obsolescência premeditada.

Mundo do trabalho – produção, consumo e sustentabilidade

Meu quintal
É maior do que o mundo.

Manoel de Barros

Viver para trabalhar ou trabalhar para viver?

Desde cedo, muitas vezes logo no início da infância, já se faz a pergunta: O que você vai ser quando crescer? Normalmente a resposta é ligada a alguma atividade econômica... Dificilmente uma criança responde de modo subjetivo, como por exemplo: feliz, responsável, brigão, questionador, bom filho, bom pai ou boa mãe, eleitor consciente etc.

O trabalho representa um significativo valor na sociedade. Deve ser, em primeiro lugar, objeto de realização pessoal, ao mesmo tempo que meio de sobrevivência. Os elevados padrões de consumo e sua associação com a felicidade imediata fazem com que muitos invertam essa ordem de prioridades, com consequências sobre sua saúde física e mental.

O sentido do trabalho humano, idealmente associado à realização e à transformação da realidade em favor de todos, especialmente dos empobrecidos, perde-se diante da exigência do fazer sempre mais e de modo acelerado. Com a perda da dimensão criativa e criadora do trabalho, resta a sensação do vazio, da incompletude.

Cresce o fenômeno do trabalho informal em várias partes do mundo, bem como o do empreendedorismo, individual ou social. Este, ainda que não venha alterar profundamente as bases do sistema econômico, manifesta uma mudança nas relações capital/trabalho e responde, em parte, aos anseios por ressignificação das atividades humanas, dando a elas um sentido mais plenificado.

Progresso e sustentabilidade

Muitos governos planejam suas metas de desenvolvimento e progresso buscando o crescimento econômico a qualquer custo para garantir a geração de empregos, a expansão do consumo e a sustentação da economia. Fundamentam seus discursos na promessa de solucionar as questões atinentes à pobreza e de redução das desigualdades sociais.

O desenvolvimento econômico ancorado na relação entre consumo, produção e crescimento, tal qual a conhecemos, não tem sido capaz de gerar o progresso que erradicaria a pobreza no mundo. Além disso, trata o ambiente com uma racionalidade que entende como inesgotáveis as fontes de recursos naturais.

Há hoje quase um bilhão de pessoas deixadas para trás, vivendo na pobreza extrema, sobretudo nos países ditos periféricos, que, uma vez que sobem mais um degrau na escala social, aspiram a padrões de consumo mais elevados. O modelo se mostra, portanto, insustentável, na medida em que, ao invés de romper o ciclo vicioso e reprodutivo do sistema e promover a inclusão, perpetua a exclusão e torna-se obstáculo ao objetivo de real erradicação da pobreza e a redução das desigualdades.

Progresso e sustentabilidade não estão necessariamente em posições antagônicas. O progresso pode ser entendido como o resultado de um processo de transformação que não renega a importância do crescimento econômico, da geração e distribuição de riquezas e da necessidade de geração de espaços de trabalho humano. E pode fazer isso alinhando-se à sustentabilidade, ao propor outras formas de produção e consumo.

A noção de sustentabilidade está ligada ao modo como as pessoas físicas, empresas, instituições de todo tipo e governos estabelecem relações cooperativas entre si e com o ambiente. Aí estão incluídas as formas que fazem frente à exploração dos recursos naturais e à mercantilização das pessoas. A sustentabilidade está estreitamente relacionada com a ética nos relacionamentos e no modo como se organizam a sociedade e o trabalho.

Relações sociais – exercício do poder e realização humana

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.

Manoel de Barros

Relações sociais e Escola

Entre as muitas tarefas exigidas pela Escola atualmente, impõe-se a necessidade de formar cidadãos conscientes para conviver de forma integrada, afetiva, ética, democrática, participativa e solidária, mulheres e homens atuantes no mundo do trabalho e na sociedade. Para tal, urge definir o que se espera das relações sociais, das relações de poder e da possibilidade de que cada indivíduo se realize pessoalmente.

Percebe-se uma realidade de muitas cobranças e exigências e, por outro lado, indivíduos emocionalmente fragilizados. É notório que a realidade sociopolítica também está marcada por maior circulação de informações e legislação em relação a todas as formas de defesa, conquistas e proteção aos cidadãos, como as políticas afirmativas impulsionadas pela Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância - Conferência da ONU/2001, Novo Código Civil/2002, Estatuto do Idoso/2003 e Lei de Acesso a Informação/2011, entre outras. Nota-se também uma maior demanda da sociedade em relação à transparência nas relações com o Estado e à eficiência dos serviços prestados por ele.

Relações sociais e Família

O aprendizado das relações sociais na vivência das práticas escolares está interligado com a Família. Quando esta sofre grandes mudanças, as práticas escolares

sofrem transformações, o que, muitas vezes, obriga a refletir e aprofundar a percepção para a formação de um novo ser, vivendo numa nova coletividade.

Distintas configurações familiares surgem, tais como relações homoafetivas – com visibilidade e legalidade –, famílias uniparentais, adoção e figuras parentais com pouco tempo para os filhos – já que o modelo econômico exige maior competição no mundo do trabalho. Tais modelos ganham status de legitimidade. Cabe aos Educadores criar também novos desenhos de atuação.

Exercício do poder na Escola

O exercício do poder nas relações sociais pode se dar de vários modos: formal, coercitivo, por recompensa, competência etc. O uso da palavra poder, de modo geral, traz incômodo. A ressignificação do poder passa por uma compreensão ampliada do seu sentido. Abordar poder como dominação, imposição não é o que se deseja para trabalhar tal tema dentro da Escola. Nela, o correto é tratar e exercer o poder enquanto serviço - oportunidades, liderança e construção compartilhada da autonomia e de responsabilidades.

As relações na Escola refletem as relações da Sociedade. Ao falar dos membros da Comunidade Educativa, de sua formação e de seu papel social, pode-se falar de empoderamento compreendido como construção coletiva das condições mínimas e necessárias para a atuação de pessoas e/ou grupos na construção de uma nova realidade.

O ser humano é capaz de realizar mudanças, aproveitando o desconforto ou o incômodo do velho ou do novo para produzir respostas inéditas. Para a produção destas respostas sempre novas e atualizadas, o novo ser, agente de transformação social, precisa acolher elementos que fazem parte do seu cenário - constituído do presente, passado, futuro, das aptidões pessoais, recursos externos, vontade própria, emoções, pensamentos e ações, abertura e acolhida à demanda de outros.

Cultura e transcendência

Melhor jeito que achei pra me conhecer
foi fazendo o contrário.
Sou muito preparado de conflitos.

Manoel de Barros

Muitas culturas e possibilidades de escolha

Vê-se, cotidianamente, o avanço de uma cultura de massas, que tenta uniformizar padrões de consumo e felicidade. Tal avanço amplia-se com a globalização da comunicação. Vê-se, simultaneamente, o surgimento de alternativas à massificação, algumas delas servindo-se dos mesmos meios tecnológicos da cultura de massas. Porém, muitas destas alternativas acabam sendo cooptadas pelo sistema hegemônico.

Veem-se, também, elementos de fluidez, ou de liquidez, como sustentam alguns autores, que se apresentam com as caraterísticas: dissolução de fronteiras de toda ordem, políticas, geográficas, de gênero, etárias, de tratamento; relativismo dos valores; permanente incerteza diante das transformações que, tão rápidas, não dão tempo para que se formem princípios e teorias. Surgem termos como dromocracia, o governo da corrida, e dromoapto, atributo daquele que consegue correr – e alcançar – tudo o que de novo surge no mercado tecnológico. Quem foi criado num sistema de referências que se pretendiam permanentes tem a ideia de estar sempre defasado. Por outro lado, vê-se a busca por experiências místicas, de contemplação, êxtase e fruição, capazes de estabelecer contato com realidades e valores perenes.

Vê-se a lógica da transitoriedade atingindo, especialmente, a família. Mesmo as relações mais íntimas são condicionadas ao prazer e à satisfação pessoal imediata. Vê-se, em oposição, a ascensão de uma lógica do cuidado, como reação à visão descartável com que muitos seres humanos e a natureza têm sido tratados.

Vê-se a prática narcísica de idolatria do corpo, levando a extremos estéticos e biológicos. Vê-se, simultaneamente, a preocupação com a saúde, a atenção a si mes-

mo, ao outro e à natureza, com estímulo ao consumo de alimentos orgânicos e à prática de atividades físicas não competitivas e que ampliam o contato com o ambiente.

Veem-se, portanto, muitas culturas em convívio. No Colégio São Vicente de Paulo – como em todas as escolas e espaços sociais – todas estão presentes. Tem sido papel do Colégio ajudar os membros da Comunidade Educativa a escolher, entre tantas opções, aquelas que geram mais vida.

Transcendência em mim, nos outros e no Outro

Concomitantemente à fluidez de que se falou acima, percebe-se a crise de modelos tradicionais na relação com o Sagrado e crises de valores, das utopias, do sentido da vida. Por outro lado, uma das características que diferencia os seres humanos dos demais seres é a consciência da mortalidade. Em convívio com esta consciência, surge a certeza de que o ser humano não se esgota em si mesmo ou em sua existência terrestre finita. Ele é muito mais do que isto, e sabe disso. Há algo no ser humano que transcende a materialidade e que se faz presente em seus legados, como pessoas em relação. É a partir desta concepção de transcendência que homens e mulheres se percebem eternos. Transcendência notada no desejo do bom, do belo, do justo. Retratam-se aí dimensões às vezes inimaginadas, de generosidade, gratidão e desprendimento. A despeito de todas as notícias de atrocidades cometidas sabe-se que há muitos aspectos positivos a destacar na humanidade, e que apontam para algo intangível, imagem e semelhança de uma realidade maior do que os fatos reportados na história e maior do que a cultura do medo e da desesperança que esses fatos possam motivar, sugerir, desencadear.

Por fim, num mundo repleto de ambiguidades, vê-se o mercado das religiões e igrejas, muitas delas tentando arrebanhar fiéis às custas do discurso da salvação eterna exclusiva ao seu grupo. O totalmente Outro, o Sagrado, permanece oculto para muitas pessoas, velado pelas paredes espessas dos cultos vazios e dos interesses individuais. E, no entanto, Ele continua lá, em sua espera amorosa.

Novamente, afirma-se que todas estas concepções convivem no espaço do Colégio, e a responsabilidade de todos e de cada um ou uma é contribuir para que as escolhas feitas gerem vida e vida em plenitude.

Educação – função social, serviço e parceria

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.

Manoel de Barros

Na sociedade da informação, a Escola deve servir de bússola, superando a visão utilitarista de só oferecer informações "úteis" para a competitividade, para obter resultados. Servir de bússola significa orientar criticamente toda uma Comunidade, que se torna Educativa, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer; que os ensina a pensar, a pesquisar, a organizar o trabalho, a ser independentes e autônomos, a se comunicar. O que cabe à Escola numa "sociedade informacional", sob uma perspectiva transformadora, é:

- a preocupação com o desenvolvimento de valores, de um arcabouço ético, necessidade e urgência apontada consensualmente por inúmeros Educadores;
- a organização de um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se com discernimento crítico e com utilização criteriosa e pedagógica de toda riqueza de informações disponibilizadas pela Web e nos conteúdos da multimídia.

Algumas escolas avançam no sentido de trazer temas transversais para enriquecer os conteúdos dos programas tradicionais: as temáticas de gênero, o multiculturalismo e as drogas, entre outras, já encontram espaço nas discussões de sala de aula e em propostas de projetos interdisciplinares, como consequência da adoção do paradigma emergente de habilidades e competências – físicas, intelectuais, socioemocionais e religiosas, em atenção à formação integral da pessoa.

Outro capítulo nos desafios que a Escola precisa enfrentar urgentemente é o do estudo e do conhecimento das formas de aprendizagem em que estão imersas as novas gerações. Os meios de construção do conhecimento e mesmo a estrutura men-

tal das crianças e jovens atuais são diferentes dos das gerações anteriores, pois já nasceram e vivem numa época onde as formas de se relacionar com o mundo são diferentes das experimentadas por gerações anteriores. A maneira como se valem das tecnologias disponíveis nos dias de hoje contrapõe-se à prioridade quase exclusiva que a Escola confere ao trabalho intelectual, desconhecendo as muitas contribuições teóricas sobre a importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem, a importância das sensações, das intuições etc.

Em convívio com tal realidade estão muitos membros adultos das Comunidades Educativas, por diversas razões apegados a modelos didáticos, hoje questionados, mas que lhes dão segurança, fundamentalmente por terem como padrão ideal de Escola aquele vivenciado em seu passado. Isso exige permanente atenção e zelo na orientação das escolhas que se deve fazer e apoiar.

Há avanços na valorização das áreas que utilizam o corpo como forma de expressão das múltiplas linguagens e da multiplicidade criativa: o trabalho manual, os exercícios prático-experimentais, o laboratório, as artes plásticas, as artes cênicas, o esporte, a dança, o canto-coral, as aulas em espaços junto à natureza, são formas mais explícitas do aprender fazendo, do transformar se transformando, do gostar de fazer e amar o que se aprende, porque envolvido de forma integral, com todos os sentidos e todo o corpo.

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado – Família, Empresa, Associações, avaliações permanentes, debate público, generalização, inovação. A Escola não pode pretender abarcar sozinha todas as funções que, hoje em dia, querem lhe atribuir. Por outro lado, não pode se furtar a atualizar o seu papel na sociedade.

Olhando para o São Vicente

Uma grande preocupação do Colégio tem sido a de aprofundar o significado da sua missão, Formar Agentes de Transformação Social, e delinear mais claramente a mística vicentina. Constata-se, por observação e acompanhamento, que muitas Famílias têm procurado o Colégio mais pela proximidade de endereço residencial, preocupadas com o trânsito e a insegurança na cidade, o custo com deslocamentos do que por uma identificação político-pedagógica com a Escola. A admissão de novos Professores e Funcionários também tem exigido um permanente esforço de fazer com que todos estejam imbuídos de 'um só e mesmo espírito'. Durante as Jornadas Pedagógicas, nos Encontros de Professores, reuniões de Formação Permanente, reuniões de Pais, reflexões com os Educadores dos vários setores da Escola e, oportunamente, com os Alunos, têm sido feitos estudos e reflexões sobre a identidade do Colégio São Vicente de Paulo.

A preocupação com o desenvolvimento de Valores e a Ética nos tem mobilizado a refletir e a encaminhar mudanças, como a solicitação de inclusão de conteúdos chamados atitudinais, nos planos de curso das Disciplinas; a introdução de Sociologia no currículo do Ensino Médio; investimento em tecnologias, nunca desvencilhado de reflexão crítica sobre seu uso; adoção de temas geradores e projetos interdisciplinares, por Séries ou Segmentos; ampliação da carga horária do Ensino Fundamental II para introdução do Programa de Leitura, Interpretação e Produção Textual (PLIPT), mais um instrumento para melhor compreensão do mundo; ampliação da Educação de Jovens e Adultos, com a implantação do Ensino Médio; e elaboração de um projeto sistemático, processual e orgânico de Formação Continuada dos Professores, grandes responsáveis pela orientação da construção integral de nossos Estudantes.

Percebe-se ainda que o cuidado com o estímulo e acompanhamento personalizado das diversas equipes de Professores, Funcionários e Alunos tem contribuído para a melhoria do trabalho em equipe, num tratamento respeitoso entre as pesso-

as. Melhoram as relações entre Alunos, Professores e Funcionários e entre Alunos e seus colegas, inclusive de diferentes idades, com mais companheirismo entre as turmas, mais cuidado com a limpeza, menos barulho e correria durante os recreios e intervalos, além de melhor organização das atividades fora de sala de aula. Há, no entanto, graves problemas no que se refere à pontualidade - atrasos.

O Colégio tem buscado se envolver com os Projetos Sociais que a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), sua mantenedora, desenvolve em várias regiões do Brasil. São exemplos: o município de Cocos, na Bahia; Riacho Fundo II, na periferia de Brasília; os municípios de Chapada do Norte, Jenipapo de Minas e Francisco Badaró, no Vale do Jequitinhonha (MG); Serra do Ramalho e Carinhanha, no oeste baiano. Os projetos reúnem Educadores, ex-Alunos e Alunos do Ensino Médio, durante as férias, para a realização de atividades pedagógicas, sobretudo junto a Professores e Jovens das comunidades atendidas. Os objetivos principais são atualização docente, desenvolvimento de lideranças e fortalecimento de vínculos comunitários. Há também atuação em projetos de orientação de atividades empreendedoras, buscando aumento de renda das comunidades ou de melhorias das suas condições de saúde e saneamento nos ambientes de moradia. Nesses últimos projetos, a parceria com a Associação de Pais e Mestres (APM) do Colégio tem se mostrado de reconhecida eficácia.

Com pertinência, porém, muito se tem apontado de lacuna neste campo, o social, em parte pela redução real das atividades, especialmente aquelas que eram de-

senvolvidas na cidade do Rio de Janeiro. Honrosa exceção é a Monitoria dos Alunos do Ensino Médio ao curso noturno de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ainda hoje uma atividade muito atraente para os jovens Estudantes.

Fazendo eco à convocação do Superior Geral da Congregação da Missão, quando do lançamento da campanha mundial de combate à fome e à miséria – "Globalização da Caridade"- estendida a toda a Família Vicentina, o Colégio desenvolveu, nos primeiros anos do milênio, atividades por séries e segmentos, que aproximavam a vida da escola à de realidades diversas do mundo dos empobrecidos, com programas de visitas, entreajuda e serviços. Atividades que, no decorrer dos anos, foram se perdendo, por falta de inovações dos programas e inadequação de suas práticas. Pequenas iniciativas permanecem, ainda que careçam de visibilidade!

O Colégio São Vicente de Paulo é instado, continuamente, desde dentro e desde fora dele, a ser ousadamente pioneiro nas ações de transformação da sociedade, seu maior distintivo.

Anotações

julgar

“

Carta de Vicente de Paulo a Antônio Portail, padre da missão, nas Cevenas.

21 de junho de 1631.

Senhor Padre,

A graça de Nosso Senhor esteja sempre convosco!

Espero muitos frutos da bondade de Nosso Senhor, se a união, a cordialidade e o suporte reinar entre vós dois. Em nome de Deus, senhor Padre, esteja nisso vosso grande esforço. E como sois o mais antigo, o segundo da Companhia e o superior, suportai tudo, digo-vos, tudo, do bom Padre Lucas. Digo ainda tudo, de tal modo que, despojando-vos da condição de superior, vos acomodeis a ele, na caridade. É o meio pelo qual Nosso Senhor conquistou e dirigiu os apóstolos e o único pelo qual ganhareis o Padre Lucas. Assim sendo, dai espaço ao seu humor, sem nunca contradizê-lo de imediato. Adverti-o, cordial e humildemente, depois. Que não apareça, sobretudo, nenhuma cisão entre vós. Estais numa situação na qual um ato de azedume é capaz de estragar tudo. Espero que procedais assim e que Deus se servirá de um milhão de atos de virtude que praticardes a esse respeito, como base e fundamento do bem que deveis fazer nesse lugar.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano – Pensador.

Nossos ideais de Pessoa, Educação, Escola e Sociedade

O Colégio São Vicente de Paulo tem por finalidade primeira cuidar da preservação da dimensão humana nos membros da Comunidade Educativa que ajuda a formar, na Educação em que crê, na Escola que faz acontecer, na Sociedade com que sonha e no Mundo que quer ver renovado. Portanto, é sua Missão Institucional Formar Agentes de Transformação Social.

Como uma das obras da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), o Colégio tem como fontes inspiradoras dos seus ideais:

- O Projeto de Deus para a humanidade, anunciado nas Escrituras e realizado em Jesus Cristo;
- A Igreja católica, em sua história e doutrina, e em particular a Igreja da América Latina[2] e sua caminhada comprometida com a construção do Reino de Deus;
- São Vicente de Paulo e todos os ramos da Família Vicentina, assumindo a vivência das virtudes por ele legadas[3].

Por meio da educação escolar, o São Vicente colabora com a formação de:

- Pessoas inteiras, integradas e íntegras, assumidamente inconclusas. Livres; e que se sabem múltiplas, interdependentes, consequentemente, constituídas

2. Documentos Oficiais da Igreja Católica, em especial os documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e as conclusões das Conferências dos Bispos da América Latina, a partir da Conferência de Medellín, 1968, até hoje.
3. - Cf. descrição das virtudes vicentinas, nota (1), p. 7.

na virtude vicentina da humildade. Críticas diante das diversas culturas em que estão mergulhadas e atuantes sobre elas. Abertas ao diálogo, ao diferente e às diferenças. Justas, equânimes e fraternas;

- Sujeitos construtores da própria história e do conhecimento. Amantes da verdade, que deixam transparecer em si mesmos e na relação com os outros, as virtudes vicentinas da simplicidade e da mansidão. Transformadores de estruturas, capazes de intervenções políticas criativas ao infinito.

Em suas relações com o mundo e a natureza, tais sujeitos históricos vivem e propõem a sustentabilidade – a geração sustentável de bem estar para cada um e para todos. Rejeitam a concepção antropocêntrica expressa na atitude de se colocar acima de todas as coisas e demais criaturas. Assumem a ética da solidariedade e da economia do suficiente. Abrem-se à transcendência e ao Transcendente, em si mesmos, nos outros e no Outro, engajados no dinamismo da Criação.

Dialeticamente, os Agentes de Transformação Social constroem e, ao mesmo tempo, se deixam construir:

- como sujeitos autônomos, por uma Educação libertadora, crítica e autocrítica, questionadora de ideologias. Transformadora com base na solidariedade. Contextualizada no mundo e para o mundo. Inclusiva, sem preconceitos ou discriminações. Democrática, capaz de ouvir. Ecológica e multicultural, desde um olhar em que a singularidade e as diferenças são concebidas como oportunidades de crescimento;
- por uma Educação que promove a leitura ampliada da realidade. Interdisciplinar, que dá ênfase ao desenvolvimento de habilidades e competências, fundadas no respeito e na sensibilidade solidária. Livre das amarras de autoritarismos introjetados e dos limites arbitrários. Uma educação em que se vivem, na Escola e fora dela, os valores fundamentais do cuidado e da paz, como expressão da virtude vicentina do zelo.

Agentes de Transformação Social aliados à Educação que faz da Escola um espaço:

- de construção do conhecimento e de estruturação dos diversos saberes, problematizador das relações desiguais;

- de expressão das diferentes culturas, em especial as que brotam das experiências dos e com os empobrecidos ou marginalizados;
- de estímulo a trabalhos em rede que favorecem a troca de informações e perspectivas novas;
- onde se vivencia como paradigma o princípio da partilha.

Esta Escola, inserida na Sociedade, com suas tensões e conflitos, favorece e incentiva atuações relacionais e em diálogo, comprometidas e transformadoras, alicerçadas na ética da igualdade. Para tanto, Educadores e Estudantes são estimulados a desenvolver plenamente seus potenciais e competências físicas, intelectuais, socioemocionais e espirituais, ao mesmo tempo que convivem com as regras convencionadas no coletivo e as suas consequências, como condição necessária à experiência planetária comum. Escola que constrói, a cada dia, instrumentos para o engajamento de seus membros nas causas em favor da vida e da liberdade plenas e universais, interpretação que se dá à virtude vicentina da mortificação.

Nesta Escola, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura estão a serviço do aprendizado, da comunicação e da organização dos serviços e das relações. Nas relações comunitárias, a Escola estabelece parcerias com as Famílias, com Profissionais de consoantes áreas de atuação e com outras instituições de ensino. Fomenta vínculos de reciprocidade com o bairro, a cidade, os distintos movimentos da sociedade civil.

A Comunidade Educativa que experimenta a Educação libertadora, crítica e autocrítica, faz acontecer a Sociedade que estabelece vínculos fraternos, fundamentados no respeito e na dignidade a todos e a cada um dos seres. Onde se exercita e vive a liberdade, o lúdico e o desejo tidos como propulsores de realizações. Que considera o erro e a queda como oportunidades de crescimento e superação. Cultiva atitudes de sensibilidade solidária, de justiça, de esperança e de paz.

Os Agentes de Transformação Social estabelecem novas relações na Sociedade, que superam a associação imediata poder-prestígio. Atentos às causas da desigualdade social e à má distribuição dos bens no mundo, colocam-se a serviço das Pessoas e da coletividade, especialmente dos grupos historicamente marginalizados, estigmatizados e desqualificados. Nesse contexto, o poder torna-se ferramenta para ampliar a capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania.

O Colégio São Vicente de Paulo assume o compromisso utópico e a certeza da possibilidade de realizar o ainda não visto, o que ainda não teve lugar – a *u-topia*. Reforça o desejo de concretização de um espaço de contracultura, de um tempo propício à felicidade, espaço semente de vida nova e tempo que permanentemente se renova, ao ajudar a formar Agentes de Transformação Social que se plenifiquem plenificando outros, agindo nas estruturas e acolhendo cada pessoa. Este é o seu quinhão, a sua razão de ser, o seu credo.

Anotações

agir

A Escola

Paulo Freire

Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora , é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.

Cuidando da dimensão humana da Comunidade Educativa que quer ajudar a formar, por meio da Educação em que acredita, em vista da Sociedade com que se compromete a realizar e no mundo que quer ver acontecer, o Colégio São Vicente de Paulo, no AGIR cotidiano da Escola, assume as seguintes Políticas Institucionais e Linhas de Ação:

Política Institucional 1

Fomentar uma Cultura Institucional de atenção ao outro, à natureza, a si mesmo e ao Transcendente, segundo as necessidades pessoais e coletivas, com base nos valores da mística e das virtudes vicentinas.

Linhas de Ação

1.1 - Organizar o Colégio para que favoreça a existência de redes capazes de identificar necessidades – pessoais e coletivas – e encaminhar propostas para atendê-las.

1.2 - Estimular o engajamento de toda a Comunidade Educativa em projetos institucionais, sistemáticos e graduais que favoreçam a vivência da solidariedade concreta, como sinal de responsabilidade e compromisso com as causas dos que sofrem com a exclusão e injustiças sociais, especialmente os empobrecidos.

1.3 - Promover situações de interação e práticas cooperativas que permitam incentivar, reconhecer e desenvolver lideranças inovadoras capazes de atuar em distintas situações.

1.4 - Favorecer o apoio mútuo e o acolhimento especial aos que ingressam na Comunidade: Alunos, Famílias, Professores e Funcionários.

1.5 - Valorizar as aproximações afetivas e os espaços de vínculos já experimentados ou construídos no Colégio, como importantes instrumentos para a produção de conhecimento.

Política Institucional 2

Valorizar as diferenças e superar as desigualdades e a intolerância, como reconhecimento das várias identidades que se manifestam na comunidade.

Linhas de Ação

2.1 - Criar mecanismos que incluam pessoas de diferentes segmentos sociais, econômicos, culturais, étnicos e de gênero, bem como de distintas posições religiosas, garantindo-lhes instrumentos para se utilizarem dos bens da Comunidade Educativa, ao mesmo tempo que trazem suas contribuições.

2.2 - Buscar a unidade de trabalho e o estreitamento das relações pessoais e profissionais dos diferentes setores do Colégio, respeitando o equilíbrio sujeito/comunidade e sujeito/sociedade.

2.3 - Flexibilizar o currículo para atender às necessidades dos Estudantes em situação especial, temporária ou permanente.

2.4 - Valorizar os procedimentos que permitam compreender o Sujeito, a Sociedade e o Mundo, a partir de diferentes olhares sobre a realidade, com destaque para o saber científico e as manifestações artísticas.

2.5 - Criar mecanismos de entreajuda dos diversos pares que convivem no Colégio: Estudante/Estudante, Estudante/Professor, Professor/Professor, Família/Escola, Família/ Famílias, Professor/Escola, Professor/Famílias, Escola/ Escolas, Escola/Comunidade.

2.6 - Considerar o multiculturalismo na elaboração e execução do currículo escolar, de modo que a articulação crítica de vivências e conceitos trabalhados nas diferentes áreas favoreça o desenvolvimento das identidades subjetivas e coletivas.

Política Institucional 3

Colocar-se como "comunidade aprendiz", em que os erros e os acertos tornem-se oportunidades impulsionadoras da aprendizagem.

Linhas de Ação

3.1 - Integrar os setores administrativo e pedagógico, de modo que possam desenvolver a dimensão educativa e, conjuntamente, se responsabilizar por ela, através de estruturas organizacionais que priorizem os aspectos qualitativos aos quantitativos.

3.2 - Construir, no cotidiano do Colégio, as condições para o desenvolvimento da autonomia de todos os participantes da Comunidade Educativa, segundo normas e regras coletivamente concebidas e manifestadas em atitudes concretas de compromisso e responsabilidade.

3.3 - Apropriar-se das tecnologias da informação e da comunicação de modo crítico, para que sejam facilitadoras do aprendizado e das práticas dos diferentes setores.

3.4 - Criar, conjuntamente, condições para que o Professor seja estimulador de reflexões sobre a realidade, construtor de sentidos que resgatem o prazer de aprender e ensinar.

3.5 - Fundamentar os trabalhos de Formação Continuada em iniciativas interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares que favoreçam o enfrentamento dos desafios da Educação e os questionamentos do mundo contemporâneo, estendendo-a a todos os segmentos da Comunidade Educativa.

3.6 - Favorecer que os conteúdos, com foco em habilidades e competências, se manifestem em procedimentos e atitudes de Alunos e Educadores.

Política Institucional 4

Promover ações e atitudes transformadoras da realidade.

Linhas de Ação

4.1 - Buscar o equilíbrio entre estrutura organizacional economicamente sustentável e o reconhecimento dos profissionais, por meio de políticas salariais e programas de incentivo.

4.2 - Ampliar o alcance dos processos de Formação Continuada, abrangendo Professores, Funcionários e Gestores Pedagógicos, abrindo-se à formação de profissionais com vistas a futuras ocupações no Colégio.

4.3 - Elaborar alternativas para a superação dos processos de dominação nas relações de poder vivenciadas no Colégio, com destaque para as questões de gênero, etnia, raça, religião, sexualidade, das diferenças geracionais e das pessoas com necessidades especiais.

4.4 - Aproveitar as possibilidades que o Bairro e a Cidade oferecem para ampliação do espectro cultural dos Alunos e Educadores, incluindo as manifestações artísticas com perspectivas populares.

Política Institucional 5

Avaliar permanentemente as práticas pessoais e profissionais no Colégio a partir dos valores e princípios do Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Linhas de Ação

5.1 - Desenvolver, aperfeiçoar e manter atualizados os processos de comunicação, divulgação e socialização das atribuições dos setores e dos profissionais do Colégio.

5.2 - Enfatizar o caráter de mutualidade, reciprocidade e transparência dos processos de avaliação da aprendizagem e do desempenho profissional, buscando a parceria e a ação cooperativa entre quem avalia e quem é avaliado.

5.3 - Considerar como parte da estrutura do Colégio as diferentes organizações representativas de segmentos da comunidade escolar.

5.4 - Favorecer que Educadores e Alunos estabeleçam de modo participativo os diferentes aspectos do processo educativo: conteúdos, metodologias e avaliações.

5.5 - Identificar e organizar as experiências educativas já existentes ou a construir, de modo a melhor atingir os objetivos propostos em cada área de conhecimento e/ou em cada segmento escolar.

Anotações

anexos

Mulheres
Dicionário
Terceiridade: Desafios para o terceiro milênio
O NASCIMENTO DA CULTURA AFRO-AMER
O QUILOMBISMO
CULTURA DE MASSA E C
PETER BURKE
O que é
O futuro e o seu conteúdo
VINCO VARÉRIO
CULTURA GLOBAL
GEM, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA
a cultura
ABaIAnDo Os anOs 90
Luiz Carlos Maciel
Ciência em tribos
homem cultura

Anexo 1

A novidade vicentina

A espiritualidade de São Vicente de Paulo na história da Igreja
por Helcio França Alvim Filho

O objetivo deste artigo é apresentar a espiritualidade de São Vicente de Paulo em seu contexto original. É, também, tentar mostrar o que há de novo em sua mensagem, e que torna, de algum modo, seu carisma atual, mesmo passados quase quatrocentos anos de sua pregação. Para tanto, começarei apontando algumas características da mensagem e da prática de Jesus que ajudam a penetrar no cerne do que intitulei a novidade vicentina.

1. A experiência do Jesus Histórico

Não existe consenso sobre as informações dos Evangelhos e sua veracidade, ou sua literalidade, distinguindo tais informações do que seriam relatos desde o ponto de vista de um crente, desde um olhar condicionado ou, mesmo, com intenção proselitista ou teológica, para converter ou explicar. Vou, portanto, tentar me ater àquilo com que muitos estudiosos concordam, quanto ao ponto específico da vida de Jesus que interessa a este artigo.

Ele se diferenciou bastante de seu primo, João Batista, na relação com o mundo, com as chamadas coisas mundanas. Enquanto João, com claras marcas de um essênio (versão bastante radical do judaísmo), jejuou muito, viveu isolado e pregou solitariamente, Jesus optou por constituir um grupo próximo de seguidores e por estar entre pessoas. Viveu em grandes cidades de seu tempo, frequentou espaços públicos e privados considerados “suspeitos”, chegou até a ser chamado de comilão e beberrão (Mt 11, 19), em tom de ironia. Enfim, investiu e apostou, para usar termos próprios de nosso tempo, nas pessoas, na humanidade, e acreditou em que devia estar entre as pessoas, não só para trazê-las para seu lado, mas por vê-las para além de seus defeitos, de suas falhas. Teve – e creio em que tenha – fé em nós.

Caberia, em outro contexto, um aprofundamento neste mergulho do Cristo na humanidade, que São Paulo, em sua carta aos Filipenses, chamou de aniquilamento ou esvaziamento, dependendo da tradução (Fl 2, 1ss). Mas, aqui, interessa-me desenvolver o seguinte ponto: a espiritualidade propriamente cristã, se posso falar assim, é de presença no mundo e, mesmo, de maravilhamento com o mundo e a humanidade. Claro que é possível, mais especificamente no Evangelho de João, encontrar algumas críticas ao "mundo" (especialmente no discurso da Santa Ceia, que vai, no texto, do capítulo 13 ao 17), aí encarado como o conjunto de valores que Jesus vem combater e denunciar. Mas a prática do Filho de Maria é de encharcar-se de gente, do humano.

2. O surgimento da vida religiosa

O início do cristianismo, como certamente muitos leitores deste artigo sabem, foi um tempo de grandes perseguições, inúmeros martírios e até, em dado momento, a crença em que o mundo acabaria. Porém, com a ampliação do número de fiéis em índices espantosos, associada à decadência política do poder romano, a Igreja passou a ser aceita e, mais tarde, tornou-se a religião oficial do Império. Como costuma acontecer nesse tipo de situação, muito da força carismática dos primeiros tempos do cristianismo se perdeu, e começaram a surgir, com maior intensidade, contratestemunhos dos valores cristãos entre os católicos. Era necessário renovar a experiência do seguimento de Jesus.

Assim surgiu a vida religiosa. A proposta, inspirada na experiência dos monges do Oriente, inclusive de eremitas, chegou e instalou-se no Ocidente com o beneditismo. A ideia original foi a de traduzir numa vivência concreta os chamados conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência. Ou seja, aproximar-se do Jesus histórico, propondo aos que almejavam a salvação a radicalidade da proposta do próprio Cristo, pobre, casto e obediente ao Pai. No caso dos beneditinos, acresceram-se aos três conselhos duas características importantes, a vida comunitária em mosteiros e o voto de estabilidade – o compromisso de não sair, como norma, do mosteiro em que se adere à Ordem, simbolizado pelo uso de preto no momento dos votos (já se entra com os trajes do sepultamento).

3. A espiritualidade beneditina

Começarei a apresentação da espiritualidade de São Bento por duas breves citações. A primeira foi extraída do Prólogo de sua Regra, números 42 a 44. É a seguinte:

> *[42] E, se, fugindo das penas do inferno, queremos chegar à vida eterna, [43] enquanto é tempo, e ainda estamos neste corpo e é possível realizar todas essas coisas no decorrer desta vida de luz, [44] cumpre correr e agir, agora, de forma que nos aproveite para sempre.*

Durante muito tempo na Igreja – praticamente até o fim do Concílio Vaticano II, já na segunda metade do século XX –, a vida religiosa foi intitulada "estado de perfeição", exatamente por apresentar um caminho que garantia chegar à vida eterna. A vivência dos conselhos evangélicos era considerada a certeza da conquista do Paraíso. Voltando ao contexto, lembro que se tratava de um momento – o da fundação do beneditismo – em que muitos cristãos já não se portavam coerentemente com os valores do Evangelho e, portanto, o caminho que se apresentava mais seguro era o da vida religiosa.

Vejamos o segundo trecho, extraído do Capítulo 4 da mesma Regra, que tem como título "Quais são os instrumentos das boas obras", no número 20:

> *[20] Fazer-se alheio às coisas do mundo.*

A expressão que celebrizou esta ideia é "fuga do mundo", e traduz a perspectiva de que tudo o que é do mundo é mau, é ruim, e cabe ao seguidor autêntico de Jesus afastar-se disto. Fisicamente, inclusive. Os mosteiros, embora resguardassem uma belíssima tradição de hospedagem, foram-se tornando cada vez mais espaços de reclusão. Viver a espiritualidade beneditina passou a ser, na prática, afastar-se do que poderia ser motivo de tentação ou pecado. Cabe, aos que quiserem se aprofundar neste tema, uma visita ao seguinte endereço eletrônico: http://www.nazare.org.br/html/afastamento.htm.

É muito interessante ver como a "fuga do mundo" é vista e justificada, a despeito de nossas desconfianças e em nossos dias, ao menos desde a perspectiva de um mosteiro cisterciense (ordem monástica, assim como os beneditinos).

4. Mosteiros, forças civilizatórias e espaços de contradição

Como não recorrer a "O Nome da Rosa", de Umberto Eco, para imaginar o papel desempenhado pelos mosteiros ao longo da Idade Média? Aos que não leram o livro – ou não assistiram ao filme, rara bela transposição ao cinema de uma obra literária – cabe narrar que trata de uma investigação criminal, bem aos moldes de Sherlock Holmes, de uma série de mortes no interior de uma comunidade beneditina, executada – a investigação – por um frade franciscano de passado "mundano". A título de narrativa paralela – que, ao longo do texto, funde-se com a trama policial – aparece o mosteiro como depositário de grande parte dos documentos do que chamamos cultura ocidental – livros que os copistas preservaram à custa de imenso empenho – assim como espaço de desvios e contradições em relação à proposta de São Bento.

Tratava-se, no livro, do fim da Idade Média, momento histórico em que tais desvios e contradições evidenciavam-se e chocavam quem se confrontava com eles. É claro que não se pode falar em culpa ou omissão, já que estamos tratando de pessoas, com suas falhas e deslizes próprios. Mas era necessário revitalizar a vida religiosa, especialmente à luz das grandes transformações experimentadas na Europa de então, com o ressurgimento das cidades e o aumento populacional do Continente. O beneditismo, com todo o vigor que lhe permite existir até hoje, não respondia mais a todos os anseios de busca da salvação, em um mundo tão transformado.

5. O carisma franciscano

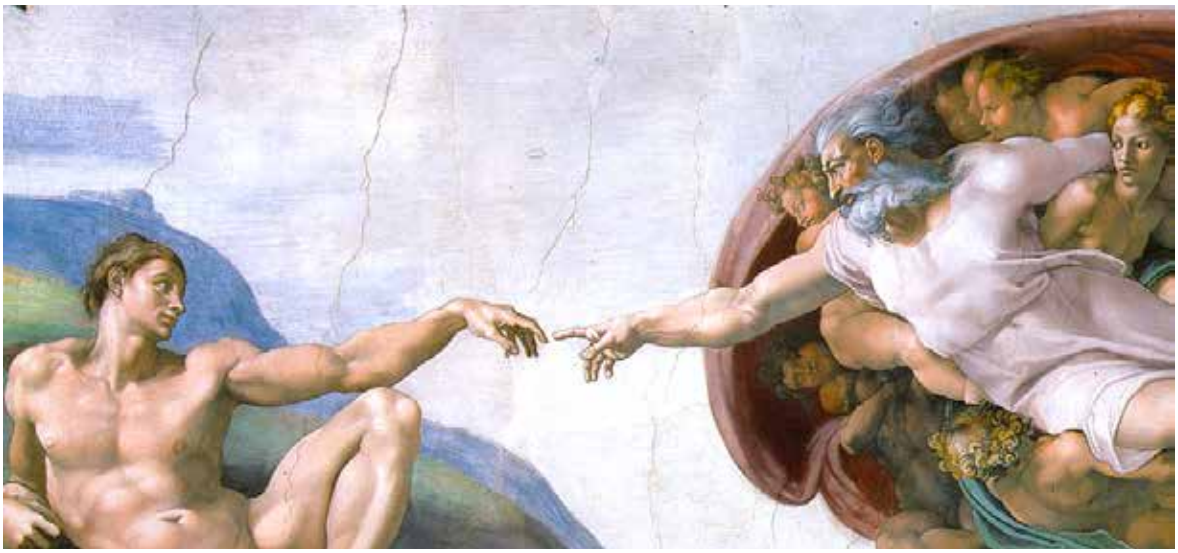
Pobreza, castidade e obediência. Os três conselhos evangélicos, origens e motivação permanente da vida religiosa, precisavam de novo fôlego. Surgem, então, dois carismas fundamentais na história da Igreja, franciscanismo e dominicanismo. Quanto ao segundo, inspirado na vida e na experiência religiosa de São Domingos,

não discorrerei muito, não por falta de relevância para os cristãos, mas por não tocar diretamente ao nosso tema. Vamos, portanto, abordar São Francisco de Assis.

Muitos conhecem a relação de São Francisco com a pobreza e o gigantesco poder transformador desta relação para o catolicismo. Explodiam na Europa movimentos de contestação à Igreja tendo como foco principal a riqueza – e o poder a ela associado – e alguns deles chegaram mesmo a ter grande significação – como, um pouco depois de Francisco, os hussitas, na Europa do Leste. Mas pretendo destacar, aqui, a renovada relação com as coisas do mundo trazida à tona pelo Santo de Assis.

Sua experiência de pobreza atingia a máxima radicalidade na impossibilidade de levar ao Convento – a comunidade religiosa dos franciscanos – qualquer valor arrecadado ao longo do dia de pregações entre as pessoas comuns. Tal determinação tinha dois aspectos principais: a impossibilidade do acúmulo de bens, já que nada se juntava; mas, por outro lado, a garantia de que a marca maior da corrupção mundana não invadiria os muros da comunidade religiosa e, portanto, daqueles que buscavam intensamente a salvação.

Não era mais uma perspectiva de demonização do mundo, espaço de encontro com o Sagrado também, mas resguardava-se o convento da invasão das tentações e perdições do ambiente externo.



6. A vida conventual e a modernidade

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela nossa irmã, a mãe terra,
Que nos sustenta e governa,
Produz frutos diversos,
Flores e ervas.

Bastaria, creio, este pequeno trecho do Cântico das Criaturas, oração de autoria de São Francisco de Assis, para caracterizar sua atualidade e seu poder revolucionário em nossos dias. Sua visão ecológica reverbera em nossos corações com admirável teor profético, anúncio e denúncia simultaneamente. Porém, mesmo um carisma tão vigoroso pode não responder a todos os apelos de certo momento histórico e isto também se deu com o franciscanismo.

A expansão urbana do fim da Idade Média e início da Idade Moderna, as grandes navegações, a criação da imprensa, as teorias científicas heliocêntricas, enfim, tudo o que marcou a transição do medievalismo para a modernidade tocou profundamente a relação das pessoas com a experiência religiosa. Ainda que concordando com a tese de Jacques Le Goff, no livro "São Francisco de Assis", que caracteriza Francisco como o primeiro Santo moderno, todas as transformações ocorridas na Europa apontavam para novas formas de experimentar o Sagrado.

Os conventos, com seu ritmo próprio ditado pelas orações em comum e pela perspectiva de afastamento do mundano, revelavam lacunas no olhar sobre a realidade exterior, marcada por certa redivinização do humano que se demonstrava em Erasmo de Rotterdam, nos gênios da pintura renascentista e na poesia de Camões, entre outros. O mundo era visto com novos olhos.

7. A salvação está no mundo: a Companhia de Jesus

Surge, em 1541, outro formato de vida religiosa, pensado e executado por Santo Inácio de Loyola. A Companhia de Jesus – os jesuítas, como hoje são conhecidos – mostrou-se quase que inteiramente adequada à Era Moderna. Tentarei prová-lo por dois trechos dos "Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola", pequeno li-

vro que apresenta os passos para o itinerário inaciano de oração e, por conseguinte, de olhar sobre a realidade. O primeiro trecho é extraído do Princípio e Fundamento, reflexão de abertura do texto:

> *O ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim, salvar-se. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual é criado.*
>
> *Daí se segue que ele deve usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir o seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem.*

Não há, aí, qualquer indício de demonização do mundo, ou das coisas nele presentes. Toda a espiritualidade inaciana irá se fundar nesta relação com as coisas como meios de aproximação com o sagrado, e isto se aplica, de certo modo, também às pessoas, não como numa visão utilitarista, em que pessoas são meios, mas em que também não há seres humanos demoníacos, incapazes de atingir o fim para o qual são criados. O verbo ser, associado, em locução, ao termo criado, está propositalmente no presente. Sempre existe a possibilidade de salvação, porque a obra criadora de Deus em nós não terminou.

O segundo trecho que trago aqui está exatamente no outro extremo dos Exercícios, como que coroando a visão de resgate do mundo e da humanidade a que se propõe Inácio. Trata-se da Contemplação para alcançar o amor, da qual reproduzo uma parte:

> *Primeiro ponto é trazer à memória os benefícios recebidos de criação, redenção e os dons particulares, ponderando, com muito afeto, quanto tem feito Deus nosso Senhor por mim e quanto me tem dado do que tem e, consequentemente, o mesmo Senhor deseja dar-se-me, em quanto pode, segundo seu desígnio divino. E, depois disto, refletir em mim mesmo, considerando, com muita razão e justiça, o que eu devo, de minha parte, oferecer e dar a sua divina majestade, a saber, todas as minhas coisas e a mim mesmo com elas, como quem oferece, com muito afeto: Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha*

> *memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, disponde de tudo, à vossa inteira vontade.*
>
> *Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta.*
>
> *Segundo [ponto], considerar como Deus habita nas criaturas: nos elementos dando-lhes o ser, nas plantas o vegetar, nos animais o sentir, nos homens o entender; e, assim, em mim dando-me ser, vida, sentidos e fazendo-me entender. E também como faz de mim seu templo, sendo eu criado à semelhança e imagem de sua divina majestade. Refletir igualmente em mim mesmo, pelo modo que está dito no primeiro ponto, ou por outro que julgar melhor. Da mesma maneira se fará sobre cada ponto que segue.*

A tradição inaciana traduziu esta proposta por "ver todas as coisas em Deus e Deus em todas as coisas". Assim, o exercício final proposto por Inácio de Loyola é, de fato, uma nova lente sobre o mundo, uma perspectiva salvífica do mundo no mundo, já que tudo e todos estamos impregnados da presença de Deus.

Completa-se esta reflexão desde os textos inacianos com a própria estrutura dada à Companhia de Jesus, que não tem a exigência, para seus membros, da oração em comum, garantindo a liberdade necessária ao estar com as pessoas, integralmente.

8. São Vicente de Paulo e os pobres

Tendo bebido na fonte de Santo Inácio, São Vicente de Paulo compartilha do sentimento esperançoso e otimista em relação ao mundo, característico dos inacianos. Porém, sua trajetória de vida e suas experiências marcantes como padre em início de vida sacerdotal encaminharam-no para uma perspectiva própria. A salvação está no mundo, sim, mas de modo muito especial está nos pobres, naqueles que o mundo desvaloriza ou despreza. Estes serão chamados por ele de "senhores e mestres", e apontarão os rumos das obras criadas pelo Santo francês.

Seguindo a linha dos carismas anteriores, apresentarei o vicentino a partir de um texto clássico, extraído de uma conferência, proferida em 24 de agosto de 1659 e endereçada às Filhas da Caridade, hoje conhecidas como irmãs vicentinas:

> *Terão por mosteiro as casas dos doentes e aquela em que reside a superiora; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a igreja da paróquia; por claustro, as ruas da cidade; por clausura, a obediência, não devendo ir senão às casas dos doentes ou aos lugares necessários para o serviço deles; por grade, o temor de Deus; por véu, senão a santa modéstia.*

Não sei se conseguimos sequer imaginar a revolução que tal postura significava na vida religiosa feminina daquele tempo. A força carismática que está por trás é o serviço dos pobres, e o encontro do Cristo na figura dos pobres. O mesmo espírito pautaria a fundação da Congregação da Missão.

9. Sociedade de Vida Apostólica

Até os jesuítas, falamos de vida religiosa tratando de ordens, categoria própria do direito canônico para designar um tipo específico de estrutura burocrática, sempre, é claro, a serviço de um carisma. Porém, com a Congregação da Missão, após anos de embates eclesiais, inaugura-se outro modelo, o das sociedades de vida apostólica, sem as exigências das ordens e em nome de uma proposta pastoral – de contato com o mundo – própria. Segundo o Código de Direito Canônico, em seu artigo 731,

> *Cân. 731 Parágrafo 1. Aos institutos de vida consagrada acrescentam-se as sociedades de vida apostólica, cujos membros, sem os votos religiosos, buscam a finalidade apostólica própria da sociedade e, levando vida fraterna em comum, segundo o próprio modo de vida, tendem à perfeição da caridade pela observância das constituições.*
>
> *Parágrafo 2. Entre elas, há sociedades cujos membros assumem os conselhos evangélicos por meio de algum vínculo determinado pelas constituições.*

Afirmar o ineditismo das sociedades de vida apostólica de modo algum desqualifica as experiências anteriores, ou aquelas que se seguiram, como todas as congregações e os institutos seculares, outras formas de vida religiosa. O que pretendi destacar é que, em São Vicente de Paulo, o caminho que resgata a sacralidade do mundo, da realidade toda, como espaço de salvação, perspectiva tão própria a Jesus, encontrará sua culminância nos pobres, e no contato radical com suas experiências.

Desde uma perspectiva crente, pode-se dizer que a cada nova estrutura humana Deus suscitava um carisma. Os carismas que se sucediam não sufocavam os anteriores, mas respondiam de modo então atual às exigências da humanidade e, por outro lado, davam à mesma humanidade ângulos diferentes para seu olhar sobre o todo, sobre a realidade. Dialeticamente, é como se Deus ouvisse os anseios dos seres humanos e, ao mesmo tempo, os seres humanos movessem os anseios de Deus por novos carismas, novas experiências religiosas, cada uma a seu tempo.

10. A atualidade do carisma vicentino

Vivemos em um mundo marcado por características do que chamamos pós-modernidade, modernidade tardia ou mesmo alta modernidade. O retorno ao sagrado, de que muitos autores falam, parece retomar aspectos da Idade Média, do Deus "tremendum", que faz tremer, na expressão de Rudolf Otto, teólogo alemão e estudioso de religiões comparadas do início do século XX. Então, pode-se falar que o carisma vicentino, que apresenta um Jesus essencialmente humano, pobre, irmão, continua atual?

Creio em que sim. Em primeiro lugar, porque os pobres continuam existindo, chamados de empobrecidos, excluídos, marginalizados, mas essencialmente pobres. A realidade hoje continua desafiando a construir algo novo, que supere as divisões de classes. Outros apelos surgem, como as questões de gênero, de sexualidade e étnicas, mas a desigualdade social segue sendo uma afronta, especialmente para nós nos países que se apresentam como cristãos.

Fala-se, hoje, em teologias da libertação, no plural, para destacar que a libertação abordada não se esgota na opressão econômico-social. Ainda assim, parece-me claro que a chegada ao papado de Francisco trouxe novo alento àqueles que militam na teologia da libertação em sua perspectiva original. Os tempos de seca, na Igreja, podem estar com os dias contados.

Um segundo argumento, também poderoso, trata da questão da liberdade. Para além da libertação, estrutural, o carisma vicentino aponta para uma lógica de escolha pessoal, no modelo de sociedade de vida apostólica, muito própria ao tempo

que vivemos. Os votos perdem, em parte, seu cunho de obrigação e ganham uma dimensão de adesão voluntária que seduz. Em tempos tão prolixos quanto à importância da liberdade, isto pode ser muito atraente.

Contudo, cabe uma pergunta, ainda que retórica, dada a dificuldade de superação do problema que aborda: e se acabarem os pobres? E se a questão da pobreza for completamente resolvida? Talvez, neste caso, caiba uma revisão do carisma vicentino, embora muitos outros desafios, ligados a novas formas de pobreza, possam se manifestar.

Trazendo a questão mais para perto, qual o sentido de um colégio vicentino que trabalha, majoritariamente, com Alunos e Alunas de classes dominantes? Pode-se falar que tal instituição trairia o carisma vicentino? Penso que a resposta seja não, que não se pode falar em traição, desde que a principal preocupação desta instituição seja a de formar agentes transformadores da realidade, pessoas novas capazes de revolucionar as estruturas e, assim, viver a fidelidade ao carisma vicentino. Não para os pobres, nem por eles, mas com e, quem sabe, como eles. Assim, talvez, São Vicente de Paulo poderá continuar a ser, muito mais do que um título, uma inspiração.

---

11. Bibliografia de referência

ECO, U. O nome da rosa. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

FRANCO, J. E. Das Ordens às Congregações Religiosas: Metamorfoses da vida consagrada católica (uma perspectiva histórica). Boletim do Núcleo Cultural da Horta, 16: 255-269, 2007.

LE GOFF, J. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOYOLA, I. de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 2000.

Anexo 2

"O caminho de Vicente de Paulo", 1998, Curitiba, Gráfica Vicentina

Introdução e Capítulo 1 da obra de Pe. Robert Maloney, C.M.

Introdução

"Ele quase modificou a face da Igreja!"

(Henri de Maupas de Tour)

Há alguns anos, estando ocupado em preparar uma palestra sobre espiritualidade vicentina, fui ver uma magnífica exposição de quadros de Cláudio Monet. Três deles me atraíram de modo especial. Os três nos ofereciam a mesma perspectiva do rio Sena: um, ao amanhecer; outro ao meio dia; o terceiro, ao entardecer. Cada um tinha sua beleza própria. No primeiro, raios de luz vaporosos como gaze se infiltravam através da densa névoa da manhã que cobria o rio. No segundo, a superfície do rio aparecia banhada pela luz do sol; o verde brilhante das árvores, o amarelo e vermelho das flores à beira do rio cintilavam luminosamente. No terceiro, grandes sombras cobriam o rio; um suave brilho avermelhado iluminava o céu da tarde. Eram três visões muito diferentes da mesma realidade. Nelas Monet nos dava uma importante lição: não é possível esgotar nenhuma realidade, vendo-a num determinado instante, olhando-a do mesmo ponto de vista.

O mesmo se dá com os evangelhos. Quando se contempla a rica realidade que é Jesus, o mais que se consegue é descrevê-la em diversas facetas e de pontos de vista diferentes. O Jesus de Marcos aparece muito humano para quem o desconhece; o Jesus de João participa do conhecimento que Deus tem do futuro. Vemos Jesus nos evangelhos como o Senhor, mas também como o servo sofredor. Vemo-lo enfrentar com energia os fariseus, mas também como um cordeiro levado ao matadouro. Encontramos neles uma cristologia ascendente e uma cristologia descendente e muitas outras variantes.

Assim acontece também com os santos. Não é nada fácil definir a riqueza de sua personalidade numa só palavra ou frase. Uma fotografia de São Vicente ou de São Francisco não nos revelam toda sua personalidade. Eles não viveram num só momento do tempo, nem num só lugar; nem tão pouco receberam apenas a influência de uma só pessoa, nem fizeram uma única coisa. A visão que os santos tinham de Jesus era rica, como as várias facetas de um diamante. Suas vidas brilham diante de nossos olhos com reflexos muito variados.

Esta é a razão pela qual ainda se discute sobre a essência da espiritualidade de São Vicente.

Ao descrevê-la uns se fixam no cumprimento da vontade de Deus, outros na sua docilidade à Providência. Outros consideram essencial seu modo de unir a oração à ação; outros destacam sua humildade e sua simplicidade. Outros, possivelmente com mais acerto, dizem que o serviço dos pobres é tudo para Vicente, e que é a força motora de tudo quanto fez, incluindo a formação do clero. Todas estas facetas contêm algo de verdade, entretanto permanecem incompletas. Cada uma expressa um aspecto da espiritualidade de São Vicente, mas nenhuma abrange toda ela, nem mesmo o contexto geral em que se integram os diversos aspectos que destacam estas visões.

Este livro supõe, também, um esforço parcial e incompleto de descrever a espiritualidade de São Vicente.

Há muito tempo me sinto fascinado pelo Cristo de São Vicente. “Ele se definiu a si mesmo como o evangelizador dos pobres”. Este é o Cristo que se encontra no coração da espiritualidade de São Vicente.

Estamos antecipando. Diremos, primeiro, umas palavras a respeito de São Vicente; em segundo lugar, sobre a espiritualidade em geral; por último, sobre a espiritualidade vicentina.

1. Sobre São Vicente

Esse homem excepcional, nascido em Pouy, na França, em 1581, começou sua vida sacerdotal buscando-se a si mesmo. Sob a influência de diretores espirituais como São Francisco de Sales, do Cardeal de Bérulle e André Duval viveu uma conversão surpreendente que o levou a entregar-se a Deus no serviço dos pobres. Fundou a Congregação da Missão (1625), uma comunidade de sacerdotes e irmãos cujo fim é "anunciar a Boa Nova aos pobres", e as Filhas da Caridade (1633), uma forma de comunidade de mulheres, nova para aquela época, em que as irmãs viviam no mundo para servir aos enfermos corporal e espiritualmente. Fundou também as Confrarias da Caridade (organizações leigas de homens e mulheres estabelecidas nas paróquias, para assistir aos pobres corporal e espiritualmente), e as Damas da Caridade. Todas estas fundações chegaram até nossos dias com membros bastante numerosos.

Preocupado com a reforma do clero, organizou retiros para os ordenandos e fundou Seminários por toda a França. Reunia, nas conferências das terças-feiras, muitos membros do clero em Paris e em outros lugares. Mesmo tendo nascido camponês gascão chegou a ser Conselheiro do Rei Luís XIII, a quem assistiu em seu leito de morte, e da Rainha Ana d'Áustria; foi amigo íntimo de santos como São Francisco de Sales, Santa Joana Francisca de Chantal, Alain de Solminihac e Luísa de Marillac. Quando morreu a 27 de setembro de 1660, Paris inteira guardou luto. Hoje é conhecido em todo o mundo como Patrono da Caridade. Sua espiritualidade continua viva em centenas de milhares de homens e mulheres, leigos, sacerdotes, irmãos e irmãs que procuram seguir suas pegadas.

2. Sobre a espiritualidade

Uma espiritualidade particular é uma visão, uma força dinâmica. Por um lado é o modo próprio que a pessoa tem de se enraizar em Deus; por outro, é a maneira peculiar de se relacionar com o mundo. É a intuição que fundamenta a ação, uma visão que gera energia e a orienta numa determinada direção, fazendo que a pessoa se eleve acima de si mesma. Para o cristão é um modo de ver Cristo e de viver nele,

modo que dirige as energias da pessoa a serviço do Reino. Os autores modernos destacam a força transcendente de qualquer tipo de espiritualidade, seja cristã ou não cristã. Sandra Schneiders a descreve como "a experiência de esforçar-se conscientemente por integrar a vida não em termos de isolamento e auto-orientação, mas de autotranscendência até que alguém perceba como valor último". Os principais traços da espiritualidade a respeito dos quais os teólogos de hoje coincidem em linhas gerais estão incluídos nesta definição: é progressiva, busca-se conscientemente, integra a pessoa através da autotranscendência de si ao horizonte de interesse último, que no caso de São Vicente é Cristo, o evangelizador dos pobres.

3. Sobre a espiritualidade vicentina

Naturalmente o espírito da família vicentina brota do espírito de seu fundador. As Constituições da Congregação da Missão dão uma descrição esquemática deste espírito. E uma excelente descrição da espiritualidade de São Vicente, embora, pelas razões que vimos acima, seja necessariamente uma descrição incompleta.

Eis aqui um esquema condensado deste espírito, baseado nos artigos 4-7 das Constituições de 1984:

> *"O Espírito Vicentino é o Espírito de Cristo enviado para anunciar a Boa Nova aos pobres tal como aparece na Doutrina Evangélica, como é explicado nas Regras Comuns resumidas no Amor e Reverência ao Pai, Amor Compassivo e Efetivo pelos pobres, docilidade à Divina Providência, Simplicidade, Humildade, Mansidão, Mortificação, Zelo pelas almas. Jesus Cristo é a Regra da Missão e o Centro de sua vida e de sua ação."*

Há aqui muita matéria para meditar, inclusive para todos os exercícios espirituais. As Constituições apresentam uma visão unificada do espírito vicentino num aspecto: baseia-se na visão de Jesus Cristo evangelizador dos pobres, mas diversificada em outro aspecto com modalidades muito diferentes. É evidente que São Vicente tomou uma decisão muito clara. O ponto de vista que oferece a seus seguidores não é uma visão de Cristo como mestre (como poderia ser a de um irmão das Escolas Cristãs), nem como médico (como seria a visão de uma comunidade dedicada a hospitais), mas como evangelizador dos pobres. Os vicentinos são chamados a

entrar no caminho do seguimento de Jesus Cristo com as mesmas palavras com as quais Jesus inaugura o seu ministério público no evangelho de Lucas 4, 18:

> *"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me para proclamar a remissão aos oprimidos e aos cegos a recuperação da vista; para restituir a liberdade aos prisioneiros e para proclamar um ano de graça do Senhor".*

A espiritualidade de São Vicente brota de sua contemplação deste Cristo. É o próprio espírito do Evangelho, vivo e ativo no mundo de São Vicente e no nosso. Expressa-se no amor e na veneração ao Pai, amor compassivo e efetivo pelos pobres, docilidade à Providência, e nas cinco virtudes missionárias de simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo.

Os que vivem o espírito vicentino são chamados a contemplar este Cristo: Ele é a Regra da Missão.

O Cristo de Lucas 4, 18 está no centro da espiritualidade dos membros da família vicentina; convida-os a seguir com Ele por este caminho. Sem Ele o caminho é sem propósito, vazio. Com relação a este Cristo, São Vicente poderia ter aplicado para seus seguidores as impressionantes palavras do Deuteronômio: "Tu as atarás, também, à tua mão como sinal, e serão como uma venda diante de teus olhos; tu as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas, para que as veja quando entras e quando sais" (cf. Dt 6, 8-9).

Este livro trata dos vários aspectos da espiritualidade vicentina, aspectos que descrevo numa forma gráfica:

CRISTO EVANGELIZADOR DOS POBRES
Os Evangelhos
As Regras Comuns

Amor e reverência	Simplicidade
para com o Pai	Humildade
Compaixão e amor efetivo	Mansidão
para com os pobres	Mortificação
Docilidade à Providência	Zelo pelas almas

Capítulo 1 - O Cristo de Vicente de Paulo

"Caminhemos com confiança por este caminho em que Jesus Cristo será nosso conselheiro e nosso guia".

(Abelly, III, 248)

Nos escritos teológicos recentes, há uma sólida corrente que destaca a importância dos santos como fonte de teologia. Essa corrente afirma com firmeza que os santos liberam a teologia de toda abstração excessiva, introduzem-na na vida e lhe dão consistência. Assim a tornam mais rica e profunda. Neste sentido os santos são uma de suas fontes mais valiosas.

Outras correntes contemporâneas reforçam essa tendência. Cada dia se vê mais claramente, em primeiro lugar, que espiritualidade e teologia são inseparáveis, embora desde o século XIV, e especialmente a partir da Reforma, prefira seguir seu caminho próprio. Hoje se afirma que a solidez da teologia se alimenta das instituições dos mestres espirituais. Em segundo lugar, cada vez estamos mais conscientes de que teologia e praxis, ou (para seguir a ordem preferida pela Teologia da Libertação) praxis e teologia influem necessariamente uma na outra. Por isso há hoje um interesse renovado pelos santos tal como no-los dão a conhecer as biografias críticas que usam uma metodologia científica. Além do seu valor como biografias estas obras servem de fonte para "fazer teologia" hoje.

A finalidade deste capítulo é descrever a visão cristológica de Vicente de Paulo. O leitor vai perceber que, tal como interpreto os textos correspondentes, o Cristo de São Vicente tem um caráter lucano claro. Para evitar confusões, começarei apre-sentando três esclarecimentos:

1. Não pretendo absolutamente que a visão que São Vicente tem de Cristo seja exclusivamente lucana. Como quase todos os santos, ele bebeu em mais de uma fonte. Por exemplo, um de seus textos prediletos é Mt 25, 31-46. Ele cita, de fato, o evangelho de Mateus muito mais vezes que o de Lucas, e, como vou explicar mais adiante, usa também temas importantes de João (por exemplo, quando dá ênfase à união de Jesus com o Pai e o amor prático ao próximo) e o de Mateus (por exemplo: a insistência de Jesus sobre a verdade e a amabilidade).

2. Nem tão pouco pretendo que a visão que Vicente tem de Cristo seja explicitamente lucana. Nada subtende que Vicente de Paulo tenha sido um teólogo sistemático. Para ele a praxis é mais importante que a teoria. Sentia uma certa des-confiança da curiosidade intelectual, e favorecia mais a ação do que a especialização acadêmica. Utiliza um esquema cristológico que aprendeu de mestres como Bérulle, Francisco de Sales e André Duval, mas este esquema ele o usa de maneira implícita. Nunca escreve ou fala de cristologia como tal, embora fale e escreva a respeito de Cristo com muita frequência; entretanto desenvolve uma forma de "viver" Cristo e a ensina a seus seguidores. Sua visão é, em aspectos importantes, diferente da de seus mestres.

3. Meu propósito neste capítulo é descrever o Cristo de Vicente, e não provar que este Cristo seja exclusivamente lucano; admitindo que recebeu influência de muitas fontes, o evangelho de Lucas tem um papel especial.

Como grande parte da teologia de São Vicente é implícita, minha intenção, nas páginas que se seguem, é revelá-la, tornando explícita a visão cristológica que fundamenta o pensamento e a ação de Vicente e que se encontra no coração de sua espiritualidade.

Como disse na introdução, uma espiritualidade específica é uma visão orientadora, mas é mais que uma visão. É uma força dinâmica que torna possível que uma pessoa se eleve acima de si mesma. Por um lado é o modo específico de en-raizar-se em Deus; por outro, a maneira especial de relacionar-se com o mundo criado. É a intuição que se encontra na base da ação. E uma visão do mundo que produz energia e a canaliza num determinado sentido.

Para Vicente de Paulo só há uma força motriz: a pessoa de Jesus Cristo. "Jesus Cristo é a regra da Missão", disse aos membros da Congregação da Missão, o centro de sua vida e atividade. "Lembre-se, padre (escreve ao Padre Portail, um dos primeiros membros da Congregação), que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus Cristo, e que temos que morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo; que nossa vida deve estar oculta em Jesus Cristo e plena de Jesus Cristo, e que para morrer como Jesus Cristo devemos viver como Jesus Cristo".

Vicente adverte a seus seguidores que só encontrarão verdadeira liberdade quando Cristo se apoderar deles. Escreve a Antonio Durand, recém nomeado superior do seminário de Agde: "É fundamental para você que se esvazie de si mesmo para se revestir de Jesus Cristo".

Características distintas do Cristo de Vicente de Paulo

A pergunta de Jesus Cristo a seus discípulos continua sendo em todo tempo a questão cristológica fundamental: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mt 16, 15).

A resposta de Vicente de Paulo, ainda que expressa na linguagem teológica do século XVII, é de caráter existencial. Relaciona Jesus Cristo com sua missão. Em seus escritos e em suas conferências Vicente emprega frequentemente os títulos bíblicos "Senhor", "Filho de Deus" para descrever Jesus Cristo. Ao fazer assim, reflete a terminologia usada em seu tempo, sem se deter para analisá-la. Mas um estudo das obras de Vicente revela que, indo mais além da terminologia, sua visão se centraliza no Cristo missionário.

Como ele responde à perene pergunta cristológica: quem dizeis vós que eu sou? Para respondê-la, vamos citar algumas das mais importantes características do Cristo de Vicente de Paulo.

1. Cristo é o evangelizador dos pobres

Vicente, de vez em quando, retoma este tema. Na sua conferência, talvez a mais famosa, sobre "O fim da Congregação" (6 de dezembro de 1658) diz o seguinte: "... fazer que os pobres conheçam a Deus, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o reino de Deus está próximo e que é para os pobres. Que coisa tão grande é essa; ... é tão sublime pregar o evangelho aos pobres que este foi o primeiro ofício do Filho de Deus". Disse em outra conferência: "Durante sua paixão só se percebia sua figura de homem. Passava por louco aos olhos das pessoas, era um escândalo para os judeus. Apesar de tudo ele se designava a si mesmo como o evangelizador dos pobres: fui enviado para evangelizar os pobres".

Vicente fez uma escolha clara e explícita. A visão que nos dá não é a de Cristo como mestre, nem como médico, nem como perfeito adorador do Pai (a visão de Bérulle), nem como "a imagem perfeita da divindade" (a visão de Francisco de Sales), mas como o evangelizador dos pobres. Os discípulos de Vicente são convocados a entrar no seguimento de Cristo com os mesmos termos com que Jesus inaugurou o seu ministério no evangelho de Lucas: "O Espírito do Senhor está sobre mim, por isso me ungiu. Enviou-me para levar a Boa Nova aos pobres, proclamar a libertação dos cativos, dar vista aos cegos, a liberdade aos prisioneiros e anunciar um ano de graça do Senhor" (Lc 4, 18).

Este é um tema tipicamente lucano. Lucas retoca e transfere a cena da visita de Jesus à sinagoga de Nazaré e a faz acontecer no começo do ministério público. O resultado é uma ordem nova da matéria que representa em Lucas o programa do resto de sua narração deste ministério. Jesus aparece aplicando-se a si mesmo as palavras

de Isaías 61, 1-2. Lucas repete este tema e o desenvolve em 7, 21-22. Na perspectiva de Lucas surge uma nova era. Jesus anuncia a Boa Nova do reino a todos, especialmente aos pobres, aos fracos, aos humildes, aos marginalizados:

- felizes os pobres (6, 20)
- aos pobres é anunciado o evangelho (7, 22)
- quando deres um banquete, convida os pobres (14, 13)
- vai depressa pelas ruas e praças da cidade, e introduz aqui os pobres (14, 21)
- um mendigo, chamado Lázaro, jazia à sua porta (16, 20-22)
- vende tudo o que tens e distribui aos pobres (18, 22)
- Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres (19, 8)
- esta pobre viúva ofertou mais do que todos (21, 3).

Por esta sua insistência o evangelho de Lucas é conhecido como o "Evangelho dos pobres".

A espiritualidade de São Vicente brota da contemplação deste Cristo. A força motora que gerou ao mesmo tempo a incrível atividade e a contemplação afetiva deste grande santo é sua visão do Evangelizador dos pobres. Anima seus seguidores a contemplarem este Cristo muitas vezes. "Quão felizes seriam os que na hora da morte pudessem repetir as belas palavras de Nosso Senhor: Fui enviado para evangelizar os pobres".

2. Cristo vem para libertar seu povo, para livrá-lo da escravidão de seus males corporais e espirituais

A visão que Vicente tem da ação evangelizadora de Jesus é muito compreensiva, e aparece claramente nas ideias diretrizes que dá aos vários grupos que fundou: Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Confrarias da Caridade, Damas da Caridade. Jesus vem "... para proclamar a remissão dos cativos, dar vista aos cegos, libertar os prisioneiros, anunciar um ano de graça do Senhor" (Lc 4, 18). "Vem para salvar o povo de seus pecados" (Mt 1, 21; cf Lc 1, 77). Ambos os aspectos da missão de Jesus Cristo se encontram na base do ministério de São Vicente.

A missão é o principal trabalho da Congregação de sacerdotes e irmãos que Vicente fundou. Referia-se à conversão e terminava com o sacramento da penitência, sobretudo da confissão geral. Ele apresentava este trabalho aos membros de sua Congregação como a vocação do Filho de Deus. Em idade avançada, São Vicente recordava com emoção o sucesso que serviu de inspiração para fundar a Congregação da Missão: "Era o mês de janeiro de 1617, quando aconteceu. Na festa da conversão de São Paulo, comemorada a 25 de janeiro, certa mulher me pediu que fizesse um sermão na Igreja de Folleville, para exortar os habitantes a fazerem uma confissão geral. Eu o fiz, levando-os a verem a importância e a utilidade dessa prática. Ensinei-lhes como fazê-la bem. Deus teve tanta consideração pela confiança e boa fé dessa mulher... que abençoou o meu sermão, e toda aquela boa gente foi tocada por Deus e todos vieram fazer a confissão geral... Este foi o primeiro sermão da Missão...".

Em suas conferências e em suas cartas Vicente descreve um Cristo que busca os pecadores, espera e confia que alcançarão perdão e conversão. "Oh, Salvador, quão afortunados os que tinham a grande sorte de se aproximarem de ti. Que rosto, que mansidão, que facilidade no trato mostravas com o fim de atraí-los. Que confiança despertavas nas pessoas, para que elas se aproximassem de ti. Oh, quantos sinais de amor!" Com muita frequência, Vicente mergulhava no Coração de Jesus: "Olhemos o Filho de Deus. Oh, que coração tão amante, quanta chama de amor". Por este amor tão terno, o Verbo se fez carne: "Ah, quão amável era o Filho de Deus... Esse amor terno foi a causa de sua encarnação. Viu os homens privados de sua glória. Comoveu-se com suas desgraças". O terno amor de Jesus pelos homens é outro tema característico de Lucas:

- a mulher pecadora (7, 36-50)
- a ovelha perdida (15, 1-7)
- a moeda perdida (15, 8-10)
- o filho pródigo (15, 11-32)
- o fariseu e o publicano (18, 9-14)
- Zaqueu (19, 1-10)
- o bom ladrão (23, 39-43)

Por esta sua insistência no perdão dos pecados, o evangelho de Lucas é conhecido como o "evangelho da misericórdia" (cf, 2, 38; 3, 19; 5, 31; 8, 22; 10, 43; 11, 18; 13, 24; 13, 38; 17, 30; 19, 4; 20, 21; 26,18; 26,20).

A libertação que Cristo traz para os pobres é, na visão de Vicente, integral. Em consequência envia as Filhas da Caridade para servir os pobres "corporal e espiritualmente". Organiza as Damas da Caridade e as Confrarias da Caridade para trabalharem com esta mesma finalidade. Adverte aos membros da Congregação da Missão que não devem pensar em sua missão somente em termos espirituais, mas também devem cuidar dos enfermos, dos órfãos, dos loucos e dos mais abandonados. Assim pregarão por palavras e ações. Seu amor será ao mesmo tempo "afetivo e efetivo".

Estas duas dimensões da missão de Jesus aparecem com frequência juntas nos escritos de São Vicente; ele vê a evangelização e a promoção humana como complementares. "Esta vocação é muito conforme com a de Nosso Senhor Jesus Cristo, quem, segundo parece, teve como principal trabalho assistir e cuidar dos pobres: Fui enviado para anunciar a Boa Nova aos pobres. Se alguém perguntasse a Nosso Senhor: 'Para que vieste a esta terra?' (ele responderia): Para assistir aos pobres. Por qual outro motivo? Para assistir aos pobres... Por isso, não somos nós muito felizes de pertencer à Missão pela mesma razão que levou Deus a se fazer homem?".

3. Cristo vive na pessoa dos pobres

Mesmo que Cristo em São Vicente seja sempre "Senhor" e "Filho de Deus", ele vive na pessoa dos pobres e continua sofrendo neles.

Às Filhas da Caridade, disse em 13 de fevereiro de 1646:

> *"Ao servir os pobres, servis a Jesus Cristo. Minhas Filhas, como isso é verdade: Servis a Cristo na pessoa dos pobres. Isso é tão verdade como o é estarmos aqui". Cita com frequência Mt 25, 31-46 para dar mais força à identificação de Cristo com o pobre: "Isto é o que vos obriga a ouvi-los com respeito, como a vossos amos, e com devoção, pois eles representam para vós a pessoa de Nosso Senhor que disse: O que fizeres ao menor dos meus é a mim mesmo que o fazeis".*

Por causa da identificação com Cristo os pobres são nossos "senhores e mestres". Ao redigir a Regra para as Irmãs, escreve que elas devem "... amar-se profundamente umas às outras, como irmãs a quem Ele uniu com o vínculo de seu amor, e devem amar aos pobres como seus senhores, pois Nosso Senhor está neles e eles em Nosso Senhor".

Disse o mesmo aos sacerdotes e aos irmãos da Congregação da Missão:

> *"Vamos pois, meus irmãos, e trabalhemos com um amor renovado no serviço dos pobres, e busquemos também os mais pobres e mais abandonados, reconhecendo diante de Deus que eles são nossos amos e senhores e que somos indignos de lhes prestar nossos humildes serviços".*

O Cristo de Vicente, seu "amo e senhor", encontra-se portanto no doente, no preso, no prisioneiro das Galeras, na criança abandonada, nas vítimas de guerras religiosas da época.

Esta identificação de Cristo com o próximo que sofre é um tema muito importante nos Atos escritos também por São Lucas (9, 4; 22, 7; 26, 14: "Saulo, Saulo, por que me persegues?"). Está também relacionado com o tema paulino do Corpo de Cristo (Rom 12,5; 1 Cor 10, 17; Col 1, 18; Ef4, 4; 5, 23), e com o tema joanino da unidade entre o amor de Deus e o do próximo (Jo 13, 34-35; 1 Jo 2, 7ss; 3, 11, 16, 18, 23-24; 4, 20-21; 5, 1-2; 2 Jo 5-6).

4. A missão de Cristo é universal

Jesus quer que seja anunciado o Evangelho "até os confins da terra" (At 1, 8; Lc 24, 27). Vicente foi adquirindo, progressivamente, consciência deste aspecto da intenção de Cristo. "Nossa vocação é, em consequência, não ir a uma paróquia, nem sequer a uma diocese, mas por todo o mundo. Para fazer o quê? Para inflamar os corações dos homens e das mulheres, para fazer o que o Filho de Deus fez. Ele veio trazer fogo à terra para inflamá-la com seu amor".

Inaugurando em 1648 com a Missão de Madagascar, começa a enviar missionários a várias partes do mundo. “Vede como Deus nos oferece um maravilhoso campo em Madagascar, nas ilhas Hébridas (Grã-Bretanha) e em outros lugares. Peçamos-lhe que desperte em nós o desejo de servi-lo. Demo-nos a ele para que faça de nós o que quiser”. Antes de morrer, São Vicente viu seus missionários também na Itália, na Polônia, na Argélia, em Tunis, na Irlanda. Também pensou em enviá-los (ou ir ele mesmo) às Índias.

Embora este trabalho missionário tenha produzido grandes dificuldades e ocasionado mortes, Vicente continuou convencido de sua importância e o defendeu contra oposições fortes, como sendo a vontade de Cristo. “Alguns membros da Companhia talvez digam que deveríamos deixar Madagascar. Assim falam a carne e o sangue; dizem que não deveríamos mais enviar homens para lá, mas estou certo de que não é o Espírito que diz isso... Que Companhia da Missão seria esta, se por cinco ou seis que morreram abandonasse o trabalho do Senhor?”.

Também nisto Vicente incorporou em sua visão um importante tema de São Lucas, a universalidade da visão de Cristo. No evangelho de Lucas, Cristo não veio só para os seus, mas para todos os povos:

- Jesus é a luz que ilumina os gentios (2, 32)
- toda a terra verá a salvação de nosso Deus (3, 6)
- há mais fé entre os gentios do que em Israel (4, 25-27)
- ide pelos caminhos e atalhos e obrigai as pessoas a entrar (14,23)
- em seu nome, seja proclamada a conversão para a remissão dos pecados, em todas as nações (24, 48).

Este tema, às vezes chamado o “Evangelho da salvação universal” continua no segundo livro de Lucas, os Atos dos Apóstolos; nele os discípulos dão testemunho da Boa Nova “em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins do mundo” (At 1, 8).

5. Cristo se caracteriza por cinco virtudes missionárias: simplicidade, humildade, mansidão mortificação e zelo.

Em sua importante conferência de 22 de agosto de 1659, São Vicente se concentra nessas cinco virtudes que emanam das virtudes evangélicas cujo "autor, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, ... as observou". Disse aos membros da Congre-gação da Missão que estas cinco virtudes devem ser "as faculdades da alma de toda a Congregação". Em sua conferência às Filhas da Caridade, refere-se também à simplicidade e à humildade, além da caridade. No capítulo seguinte, tratarei com maiores detalhes destas cinco virtudes. Aqui vamos falar brevemente, tal como São Vicente vê Cristo.

a) O espírito de Cristo é um espírito de **simplicidade**, que consiste em dizer a verdade, em dizer as coisas tal como são, sem ocultar nem dissimular nada, e em atribuir as coisas somente a Deus. São Vicente está tão convencido de sua importância que denomina a simplicidade "de meu evangelho", "a virtude que mais amo". "Sabeis onde mora Nosso Senhor?", pergunta às Filhas da Caridade; "no meio dos simples".

Vicente destaca neste assunto um tema central do Novo Testamento, a dedicação de Jesus à verdade. O evangelho de João é o que destaca de modo especial esta característica de Cristo:

- Jesus é a verdade (4, 6)
- os que agem na verdade se aproximam da luz (3, 21);
- a verdade os libertará (8, 32)
- Jesus dá testemunho da verdade (18, 37)
- quem é da verdade, escuta sua voz (18, 37).

Além destes e de outros textos de João (cf. Jo 1, 17; 4, 24; 5, 33; 14, 6; 16, 13; 17, 17), o Novo Testamento acentua a dedicação à verdade como um imperativo moral baseado nas palavras de Jesus que aparece em vários contextos: "Seja o vosso sim, sim e o vosso não, não" (Mt 5, 37; cf. 2 Cor 1, 17-20).

b) **Humildade**, a virtude de Jesus Cristo, que ele nos ensina "com palavras e pelo exemplo", implica em admitir que todo o bem vem de Deus. Inclui o reconhecimento de nossa baixeza e de nossas faltas, acompanhado por uma con-fiança sem limites em Deus. Vicente convida a Companhia a admirar o "modelo de humildade verdadeira, Nosso Senhor Jesus Cristo". Admira-se como o Filho de Deus "se esvaziou de si mesmo" (Flp 2, 7).

Os outros evangelistas também destacam a humildade (cf. Mt 20, 28; Mc 9, 35; Jo 13, 12-15), assim como São Paulo (cf. Flp 2, 5-11), mas este é um tema particularmente importante em Lucas, relacionado com a chegada da salvação para os pobres. Já na narração da infância de Jesus, Lucas descreve a sua chegada entre os pobres. Deus "olhou a humildade de sua escrava" (Lc 1, 48). Ele "derruba dos tronos os poderosos e exalta os humildes" (1, 52). "Pois todo o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado" (14, 11; cf. também 18, 14). Jesus ensina a seus discípulos que os verdadeiramente grandes são os que se fazem os últimos (22, 26), e que ele mesmo está entre eles "como aquele que serve" (22, 27). Lucas também desenvolve o tema da exaltação através da humilhação (cf. 9, 22; 12, 50; 24, 7; 26, 46). Nos Atos dos Apóstolos insiste em que esta é a chave para se entender as Escrituras (8, 26-40).

c) Jesus mesmo nos disse que é manso, escreve São Vicente. Esta virtude consiste, segundo São Vicente, na capacidade de controlar a ira, suprimindo-a, seja expressando-a, mas de uma maneira inspirada pelo amor. E receptividade e amabilidade. A amabilidade combina com a firmeza. São Vicente escreve a Santa Luísa de Marillac a 1º de novembro de 1637: "Se a amabilidade de seu caráter precisa de uma gota de vinagre, peça-a emprestado ao espírito de Nosso Senhor. Ele bem sabia tornar uma observação acridoce, quando necessário".

Vicente cita geralmente o evangelho de Mateus, quando fala da mansidão de Jesus (Mt 11,29; cf. também 5, 5; 21, 5). Embora Lucas nunca use a palavra "mansidão", este tema é tão característico do terceiro evangelho que Dante descreveu Lucas como "o escritor da mansidão de Cristo". A misericórdia de Jesus (Lc 7, 36ss), seu amor (15, lss), suas palavras amáveis (4, 22), e sua alegria (20, 21) humanizam, no evangelho de Lucas o retrato mais fiel que no de Marcos.

d) Jesus é o melhor exemplo de **mortificação**. “Nunca percamos de vista a mortificação de Nosso Senhor, porque para segui-lo temos que nos mortificar, seguindo seu exemplo”. Vicente descreve a mortificação como a submissão da paixão à razão. Dá a essa virtude um lugar de destaque em suas conferências. Para animar a sua comunidade a praticá-la cita muitos textos do Novo Testamento que a recomendam.

Observe o leitor, uma vez mais, como este é um tema importante em Lucas:

– os discípulos deixam tudo e seguem Jesus (5, 11)
– devem tomar sua cruz cada dia (9, 23)
– têm que vender tudo e dar esmola (12, 33)
– devem odiar o pai, a mãe, a esposa, os filhos, os irmãos, as irmãs, e até sua própria vida (14, 26)
– têm que renunciar a tudo (14, 33)
– Jesus tem que sofrer muito antes que se estabeleça o reino de Deus (17, 25)
– era necessário que fosse crucificado (24, 7)
– Cristo tinha que sofrer para entrar em sua glória (24, 26)
– há de sofrer e ressuscitar (24, 26).

Por tudo isso, o evangelho de Lucas é conhecido, às vezes, como o “evangelho da renúncia total”.

e) O **zelo** é o amor ardente que preenchia o coração de Jesus. “Peçamos ao Senhor que conceda este espírito à Companhia, este coração que nos levará a todas as partes, este coração do Filho de Deus, o coração de Nosso Senhor... que nos disporá a ir como ele foi, e como ele teria ido, se a sua eterna sabedoria o tivesse julgado conveniente a trabalhar pela conversão dessas pobres nações”. Este fogo de amor capacita o missionário a ir a qualquer lugar e fazer de tudo. “O amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5, 14) é o lema das Filhas da Caridade.

O zelo é a virtude da ação missionária. “Se o amor de Deus é um fogo, o zelo é a sua chama. Se o amor de Deus é um sol, o zelo são seus raios. O zelo procura estender o reino de Deus. O zelo é o amor em ação. “Amemos a Deus, meus irmãos”,

disse São Vicente de Paulo a seus missionários, “amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e o suor de nossas frontes. Frequentemente muitos atos de amor a Deus, da presença de Deus, de benevolência e de atos interiores e práticas semelhantes, ainda que boas e desejáveis, são suspeitas se não levam à prática do amor efetivo”.

O amor efetivo, abrasado para estender o reino de Deus, é pressuposto central no Novo Testamento. E também o aspecto pelo qual Vicente é conhecido, em cujo serviço ordenou tantos homens e mulheres. Poder-se-ia citar muitos textos do Novo Testamento (cf. Mt 25, 31-46; Rom 13, 8; 1 Cor 13, 13) que destacam sua importância. Talvez os mais claros se encontrem nos escritos de João (cf. Jo 3, 16; 13, 34-35; 1 Jo 2, 10; 3, 11; 3, 16; 3, 18; 3,23; 4, 11; 4, 19-21; 5, 1-2).

6. Cristo está sempre em oração na presença do Pai

A psicologia de Jesus, escreve São Vicente, com precisão, em uma de suas cartas, está sempre orientada para duas direções principais: “sua relação filial com o Pai e sua caridade com o próximo”. Em meio à sua atividade missionaria, Jesus está sempre unido ao Pai (cf. Jo 7, 29, 33; 17, 13, 18). Reconhece que o Pai é o autor de tudo o que ele mesmo faz. Jesus busca sempre fazer a vontade do Pai.

Disse às Filhas da Caridade: “... Nosso Senhor foi, sobretudo, um homem de oração”. Nas Regras dos missionários disse: “Ainda que não sejamos capazes de imitar a perfeição de Jesus Cristo Nosso Senhor, que dedicava noites inteiras à oração, além de suas meditações ao longo do dia, faremos como ele tanto quanto sejamos capazes”.

Vicente está completamente convencido da importância da união entre ação e contemplação que ele vê em Cristo. Disse a seus seguidores que a perseverança na vocação e o dinamismo de suas obras dependem da oração. Refere-se com frequência a um termo característico de Lucas: que Jesus ora sempre, pela manhã, à noite e em todas as ocasiões importantes de seu ministério:

- no batismo (3, 21)
- retira-se para rezar na solidão (5, 16)
- reza antes da escolha dos doze (6, 12)
- reza antes da confissão de Pedro (9, 18)
- reza antes da transfiguração (9, 29)
- diz-lhes que peçam operários para a messe (10, 2)
- ensina os discípulos a rezar (11, 1)
- ensina-lhes a perseverarem na oração (18, 1)
- ensina-lhes humildade na oração (18, 9)
- reza na última ceia, para fortalecer a fé de Pedro (22, 32)
- reza, durante a agonia, no horto (22, 41-42)
- reza na cruz (23, 46).

Neste aspecto, o evangelho de Lucas é o "evangelho da oração". O livro dos Atos dos Apóstolos retoma o tema da oração (cf. 1,14; 1, 24; 2, 42; 3, 1; 4, 24; 4, 31; 6, 4; 9, 11; 10, 2-4; 10, 9; 10, 30; 12, 5; 12, 12; 13, 3; 14, 23; 20, 36; 21, 5; 24, 14).

7. Cristo partilha sua vida com muitos outros e os compromete em seu ministério

São Vicente reúne comunidades seguindo o exemplo de Cristo, "que reuniu seus discípulos e apóstolos, com vistas a uma missão apostólica. Pensando que o "amor é inventivo até o infinito", funda a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade. Organiza as Damas da Caridade e as Confrarias da Caridade. Reúne homens e mulheres, ricos e pobres, cultos e ignorantes, todos para o serviço dos pobres.

Reconhece que as mulheres desempenham um importante papel no ministério de Jesus. O mesmo acontece em sua própria vida: Margarida Naseau, Luísa de Marillac, Joana Francisca de Chantal, a senhora de Gondi, para nomear somente as mais conhecidas. Também este é um tema de Lucas. Este, mais que os outros evangelistas, destaca o importante lugar que ocupam as mulheres na vida e no ministério de Jesus:

- Maria, Isabel e Ana nas narrações da infância
- a mulher pecadora (7, 36-50)
- as mulheres que o acompanham (8, 1-3)
- a viúva de Naim (7, 11-17)
- a mulher que louvou sua mãe (11, 27-28)
- Marta e Maria (10, 38-42)
- as mulheres a caminho do Calvário (23, 27-31)
- as mulheres que o seguiram até o fim (23, 55)
- as mulheres testemunhas de sua ressurreição (24, 22).

8. Cristo confia na Providência de seu Pai e exerce uma solicitude providencial na vida de seus seguidores

Em muitos escritos e conferências, São Vicente menciona a Providência de Deus (implícita ou explicitamente a Providência do Pai), outras vezes menciona a Providência de Cristo sobre seus seguidores. Em uma carta a Bernardo Codoing destaca o primeiro: "O resto virá no seu devido tempo. A graça tem seu tempo. Abandonemo-nos à Providência de Deus e tomemos cuidado para não irmos adiante dela. Se Deus me deu algum consolo em minha vocação foi este: creio, parece-me, que tenho seguido em tudo a sua Providência..."

Igualmente escreve a Santa Luísa de Marillac: "Meu Deus, minha filha, que grandes tesouros ocultos há na Providência e como Nosso Senhor é maravilhosamente honrado por ela pelos que a seguem e não se adiantam diante dela".

Em relação à Providência que Jesus tem sobre seus seguidores, São Vicente disse a João Martin em 1647: "Padre, peçamos a Nosso Senhor para fazermos tudo conforme a sua Providência, que nossas vontades estejam submetidas à sua, de maneira que só haja uma vontade entre ele e nós, o que nos permitirá gozar de seu amor no tempo e na eternidade". Em outra carta para o impetuoso Bernardo Codoing em 1644, disse: Nosso Senhor me dá o consolo de pensar que, pela graça de Deus, sempre nos esforçamos por seguir e não ir adiante da Providência, que sabe muito sobriamente como dirigir tudo para o fim que Nosso Senhor quer". Igualmente, três meses mais tarde: "Você pergunta o que vamos fazer. Faremos o que o Senhor quiser, quer dizer, permaneceremos sempre na dependência de sua Providência".

Pode-se dizer que este também é um tema peculiar de São Lucas. O Espírito do Pai e de Jesus age desde o começo em Lucas, dirigindo o curso da história. Impele a Jesus com poder do alto e o dirige em seu ministério:

- O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do alto te cobrirá com sua sombra (1, 35)
- depois de receber o batismo, o Espírito Santo desceu sobre ele (3, 22)
- Jesus, cheio do Espírito Santo, foi levado pelo Espírito ao deserto (4, 1)
- Jesus voltou à Galileia com o poder do Espírito Santo (4, 14)
- O Espírito do Senhor está sobre mim (4, 18)
- Jesus exultou no Espírito Santo (10, 21)
- vosso Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem (11, 13)
- ao que houver blasfemado contra o Espírito Santo não lhe será perdoado (12, 10)
- O Espírito Santo vos ensinará o que deveis dizer (12, 12).

O livro dos Atos dos Apóstolos prolonga este tema do evangelho do Espírito Santo. "O Espírito dinamiza e guia a Igreja em sua missão apostólica".

Conclusão

A visão que Vicente de Paulo tem de Cristo é original. Para ele Cristo é antes de tudo o Evangelizador dos pobres. É um Cristo missionário, que vem do Pai e a Ele volta, esvaziando-se de sua condição de Filho de Deus para libertar seu povo da escravidão temporal e espiritual em que está encarnado. Identifica-se e mora com os pobres. Sua visão é universal e o impele a pregar a Boa Nova aos pobres até aos confins da terra. Este Cristo atrai outros, homens e mulheres, pobres e ricos, e os forma para participarem de sua missão. As virtudes que o caracterizam são virtudes missionárias: simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo. Em meio a uma constante atividade, está sempre em oração, na presença do Pai, buscando sua vontade e confiando em sua Providência.

Ainda é preciso testemunhar como é surpreendentemente moderna a visão deste santo do século XVII! Encontramos hoje o amor preferencial de Vicente pelos pobres em vários documentos da Igreja. Sua insistência em dar à evangelização um sentido amplo que inclui a promoção humana e a libertação das várias formas

de escravidão humana, o que Vicente define como "servir aos pobres corporal e espiritualmente" não é mais do que a essência das encíclicas sociais e de numerosos documentos dos bispos e dos papas. A importância da participação dos leigos no ministério e a necessidade de revitalizar a formação ministerial do clero e do laicato são temas que se repetem em toda a Igreja. Também são sinais de nosso tempo um renovado interesse pela espiritualidade da vida apostólica e pela oração.

De que maneira a cristologia de hoje seguirá o caminho por onde andou este homem tão admiravelmente realista, centrando-se em Cristo Evangelizador dos pobres? Como pronunciará e concretizará as ramificações desta visão? Encontramos aí um desafio para os nossos dias.

Nota da Equipe de Redação

Optamos por omitir, nesta versão, as notas elaboradas pelo autor deste texto, o *Pe. Robert Maloney, C.M.*, para proporcionar maior fluidez e, portanto, legibilidade ao Documento. Caso algum(a) leitor(a) interesse-se por conhecer tais notas, bastará recorrer à versão original.

Bibliografia de Referência

ALVES, R. Por uma Educação Romântica. Campinas: Papirus, 2002.

ARRUDA, M. Tornar o real Possível. Petrópolis: Vozes Ed., 2007.

AFONSO, A. Janela, Avaliação Educacional: regulação e emancipação; para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. São Paulo: Cortez Ed.,2000.

ASSMAN, H. SUNG, J. M. Competência e sensibilidade solidária – Educar para a esperança. São Paulo: Vozes, 2000.

BASTIDE, R. Brasil - Terra dos Contrastes. Rio de Janeiro: Difusão Europeia Ed, 1978.

BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

BORNTLIN, D. Como Mudar o Mundo: empreendedores sociais. Rio de Janeiro: Record Ed., 2005.

_____ . Ética e Espiritualidade, Petrópolis: Vozes Ed.,2011.

BOAVENTURA, S. Um Discurso sobre as Ciências. São Paulo: Cortez Ed., 2008.

BOFF, L. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. São Paulo: Ática, 1995.

_____ . O Cuidado Necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na espiritualidade, Petrópolis, Vozes Ed., 2013.

CASTELLS, M. A sociedade em Rede. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANCLINI, N. G. Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 4ª ed.,2001.

CANDAU, V. M. [et al.],Tecendo a Cidadania. Petrópolis: Vozes Ed., 1995.

CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix Ed. 1982.

CEC (Congregação para a Educação Católica). Missão Partilhada de Pessoas Consagradas e Fiéis Leigos – doc. 23. São Paulo: Paulinas Ed., 2008.

CHANGEUX, J. P. "O Homem dos Neurônios", in: PESSIS-PASTERNAK. G. Do caos a Inteligência artificial. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CHRISPINO, A. Os Cenários Futuros para a Educação. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2009.

CNBB, doc.47. Educação, Igreja Sociedade. 13ª Assembleia Itaici. São Paulo: Paulinas Ed. 1992. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/site/component/docman/cat_view/134-documentos-cnbb?start=40 . Acesso em: dez 2014.

CNBB, doc.94. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil. 49ª Assembleia Geral. Aparecida, São Paulo: Paulinas Ed. 2010.

COLL, C. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CORTELLA, M. S. A Escola e o Conhecimento. Fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo, Cortez Ed., 2009.

COSTA, J. F. A Ética e o Espelho da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco Ed., 2000.

COSTA, M. V. (Org.). A Escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP&A, 2003

CREMA, R. O Novo Paradigma Holístico. Porto Alegre: Artmed Ed.,1991.

DE MASI, D. O Ócio Criativo. Rio de Janeiro: Sextante Ed., 2000.

DELORS, J. EUFRAZIO, J. C. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez,1998.

DRUCKER, P. F. A Sociedade Pós-capitalista. São Paulo: Pioneira Ed.,1994.

ETAVE, R. Uma Pedagogia para o Homem. Petrópolis: Vozes Ed.,1972.

FRIDMAN, L. C. Vertigens Pós-Modernas: configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará Ed., 2000.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ed. 2013.

_____ . Pedagogia da Esperança. São Paulo: UNESP Ed., 2004.

_____ . Pedagogia da Autonomia. São Paulo: UNESP Ed., 2004.

_____ . Pedagogia da Tolerância. São Paulo: UNESP Ed., 2004.

GADOTTI, M. “Desafios para A Era do Conhecimento”, in: Revista Viver Mente e Cérebro; coleção Memória da Pedagogia, publicado na Internet pelo Portal do Estadão.

GALEANO, E. O Direito de Sonhar. Sd.

GIROUX, H. Os professores como intelectuais. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GUATTARI, F. Revolução Molecular; pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense Ed., 1981.

GARDNER, H. Cinco Mentes para o Futuro. Porto Alegre: Artmed Ed., 2007.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARGREAVES, A. Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Lisboa: McGraw Hill, 1998.

HERNANDEZ, F.; SANCHO, J. Tecnologias para reformar a Educação. Porto Alegre: Artmed Ed., 2006.

HOFFMANN, J. M. L. Avaliação: mito e desafio - uma perspectiva construtivista. Educação e Realidade. Porto Alegre: 1991.

LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

LIBÂNIO, J. B. Pe. Jovens em Tempo de Pós Modernidade. São Paulo: Loyola Ed. s/d.

LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIPOVETSKY, G. A Era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole Ed., 2005.

MALONEY, R. Pe. O Caminho de Vicente de Paulo. Coleção Vicentina 10. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1998.

MATURANA, H.; VARELLA F. A Árvore do Conhecimento. Campinas: Psi Ed., 1995.

MEIRIEU, P. Aprender... sim, mas como? Tradução de Vanise Pereira Dresch. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MILLS, C. W. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1965.

MORIN, E. O método I: a natureza da Natureza. 3ª ed., Portugal: Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1977.

_____ . O método II: a vida da vida. 2ª ed., Portugal: Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1980.

_____ . Os setes saberes necessários à educação do futuro. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____ . Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina Ed. 2011.

MONTEIRO, E. MOTTA. A. Gestão Escolar: Perspectivas, Desafios e Função Social. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor. Lisboa: Porto Editora, 2014.

ROZA, L. P. "Uma Perspectiva da Ciência no Limiar do Século XXI", in: Democracia Viva, IBASE, nº 6, agosto de 1999.

SALAZAR, G. N. Pe. São Vicente de Paulo e a Antropologia do Pobre. Caraça/M.G., out, 2000.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as Ciências. Porto: Afrontamento, 2001.

SENNETT, R. A Corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record Ed., 2005.

SILVA, T. T. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, L. H. "O Sonho na Sociedade Pós-Industrial", in: Revista Next Brasil. Três Ed, 2004.

TOFFLER, A. A Terceira Onda. Rio de Janeiro: Record Ed., 2012.

TOURAINE, A. Um novo Paradigma para conhecer o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes Ed. 2006.

COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Cosme Velho, 241
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.241-125
Tel.: (21) 3235-2900
Fax: (21) 2285-7580/2265-8349
E-mail: csvp@csvp.g12.br - Site: www.csvp.g12.br